



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS

CURSO: PSICOLOGIA

O HOMEM SIMBÓLICO

GUILHERME DE SIQUEIRA LABARRERE

BRASÍLIA

NOVEMBRO / 2007

GUILHERME DE SIQUEIRA LABARRERE

O HOMEM SIMBÓLICO

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito
básico para a obtenção do grau de
psicólogo da Faculdade de Ciências da
Saúde.

Professora Orientadora: Valéria Mori.

Brasília/DF, Novembro de 2007.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS

CURSO: PSICOLOGIA.

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

A menção final obtida foi:

Brasília/DF, Novembro de 2007

Dedico esta monografia a todos os que me ajudaram ao longo deste curso de graduação, a meus pais que me deram todo o suporte financeiro e sempre me incentivaram a estudar, a meus professores que me ajudaram a aperfeiçoar a forma com que eu percebo e atuo no mundo, e a todos meus colegas que me acompanharam e me apoiaram durante esses anos de estudo.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos especiais aos professores: Renan Custódio do Nascimento, professor Fernando Gonzalez Rey, professora Maria do Carmo, professora Morgana de Queiroz, professora Leonor Bicalho e à minha orientadora de monografia e supervisora de estágio Valéria Mori.

ÍNDICE

Introdução	4
Capítulo I - Bases teóricas	6
1.1 – Teoria dos Complexos;	6
1.2 – Tonalidade Afetiva dos Complexos;	10
1.3 - Efeito Social dos Complexos;	13
1.4 – Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo;	15
1.5 – Arquétipos e mitos;	19
1.6 – Os Símbolos.	24
Capítulo II – Universo onírico	27
2.1 – Interpretação de Sonhos: De Freud a Jung;	27
2.2 - Os Sonhos;	32
2.3 - Análise dos Sonhos.	36
Capítulo III – Estudo de caso	39
3.1 – Sujeito;	39
3.2 – Cenário de Pesquisa;	42
3.3 – Construção de Informação.	43
Considerações finais	60
Referências Bibliográficas	63

RESUMO

Neste estudo foi abordado o tema dos símbolos e sua interação com o sujeito e sua subjetividade. A meta deste trabalho foi realizar uma síntese da teoria Junguiana com o intuito de entender como o indivíduo se organiza psiquicamente, como ele transita entre suas instâncias psíquicas, e como os símbolos estão presentes em nossas vidas cotidianas, para isso foi feita uma revisão bibliográfica dos conceitos principais da teoria de Carl Gustav Jung, como complexos, inconsciente pessoal e coletivo, arquétipos e símbolos, que serviram como base para a análise dos sonhos de um indivíduo de 26 anos, residente em Brasília. Os conteúdos abordados neste trabalho seguiram os princípios teóricos de C. G. Jung, para isso as referências utilizadas foram em sua maioria do próprio Jung e de autores renomados dentro da psicologia analítica. A metodologia usada para a análise dos sonhos foi a mesma descrita por Jung em seu livro: O homem e seus símbolos.

Palavras-chave: Símbolos; Sonhos ; Jung.

A escolha do tema deste trabalho foi feita a partir de um interesse do autor desta monografia de longa data pela simbologia e os estudos de Jung a esse respeito, é um tema que abrange várias áreas do conhecimento humano, como história, filosofia, mitologia, arte, teologia. Os símbolos estão em todos os lugares, e os sonhos são um bom instrumento clínico para analisá-los. Jung fez ao longo de sua vida várias observações e catalogações dos símbolos, foi a diversos países e conheceu pessoas das mais diferentes culturas, com isso, foi capaz de fazer várias observações interessantes sobre a forma em que os símbolos aparecem e influenciam as diversas organizações sociais. O interesse pelos símbolos foi despertado ao longo do curso de graduação em psicologia, e o que se pretende fazer neste trabalho é apenas um projeto para um estudo de uma vida inteira, começando pelas bases teóricas que Jung descreveu para o entendimento da organização da psique humana.

A discussão teórica dos complexos ao inconsciente coletivo é o alicerce para o entendimento de como os símbolos estão presentes em nossas vidas diariamente e como eles nos influenciam. Os símbolos são, para Jung, mais que apenas imagens eternizadas em estátuas, pinturas, ou na história da humanidade, eles adquirem um sentido próprio dentro do imaginário de cada um, carregam consigo marcas de uma história de milhares de anos e se repetem a cada dia no cotidiano das pessoas, enfim, estão presentes nos sonhos dos indivíduos, nos mitos, nas histórias que são contadas de geração para geração pelas diversas culturas existentes neste planeta.

Um dos primeiros conceitos descritos por Jung em 1906 é o de complexos, que são fundamentais para o entendimento do funcionamento da mente humana dentro de uma perspectiva Junguiana. Possuidores de tonalidade afetiva, os complexos são formados a partir de experiências vividas por nós que mobilizam cargas emocionais, momentos traumáticos ou decisivos em nossas vidas carregados de emoções, são como marcos que nos influenciam da infância, quando começam a ser formados, até o resto de nossos dias. Além de nossas

experiências pessoais, os complexos podem ter outra origem, fundada no aspecto social, nos costumes, nas tradições e nos valores culturais, assim como também são construídos os arquétipos, conceito que Jung foi buscar em Platão, Kant, Santo Agostinho, entre outros grandes teóricos da humanidade. Os arquétipos são a base do inconsciente coletivo e funcionam como estruturas carregadas de forte tonalidade afetiva e estão presentes em toda parte. Foram construídos juntamente com a história do ser humano, fazem parte dos contos de fadas, das fantasias, dos casos de amor e ódio, recheiam os mitos, os filmes que vemos, eles nos influenciam e nos mobilizam constantemente.

O estudo dos símbolos propiciou a Jung desenvolver a teoria do inconsciente coletivo, que serviu de marco para a separação definitiva entre Jung e Freud. Com o inconsciente coletivo Jung pretendia ir além de seu mestre, diferenciando os conteúdos pessoais dos conteúdos coletivos, sendo os símbolos parte do segundo grupo. Estudar os símbolos significa, antes de qualquer coisa, estudar a história do ser humano neste planeta, seu desenvolvimento sócio-cultural e seus desdobramentos, a criação e a destruição de civilizações, sua arte e suas diversas formas de expressão, ver como o homem segue, muitas vezes, trilhas inconscientes e repete padrões milenares. Este estudo permite, enfim, enxergar como o homem recria e revive o passado, com uma nova roupagem, a cada dia de sua vida.

Neste trabalho, o autor pretende fazer uma análise dos sonhos de um indivíduo de 26 anos, residente na cidade de Brasília, mostrando como esses símbolos se apresentam e como os sonhos evidenciam aspectos inconscientes, levando ao consciente o que está por trás das máscaras que usamos diariamente em nosso cotidiano.

CAPÍTULO I

BASES TEÓRICAS

1.1. Teoria dos complexos

Os Complexos são um dos primeiros conceitos trabalhado por Carl Gustav Jung (1906) em sua obra, a qual, no início, foi influenciada pelo trabalho do alemão Ziehen, de quem tirou o nome Complexos, ampliando o conceito com suas pesquisas relacionadas com experimentos de associação verbal, feitas no hospital psiquiátrico Burgholzli, onde Jung e outros pesquisadores como Bleuler Wehrin, Ruerst, Biswanger, Numberg e Riklin exerceram atividades.

Em 1905, logo após assumir o posto de vice-diretor do hospital Burgholzli, Jung montou um laboratório de psicopatologia experimental, e junto de outros pesquisadores da época, citados anteriormente, estudou a relação de palavras ditas aleatoriamente ao paciente, bombardeando a psique com esses estímulos verbais, com as respostas verbais, emocionais e fisiológicas do paciente. Eles acreditavam que, imediatamente após ouvir tais palavras, as respostas do paciente tinham alguma relação inconsciente com algum conteúdo interno dele, e que ao ouvir a palavra, que funcionaria como um gatilho para o inconsciente, os pacientes poderiam ir mais além das respostas comumente ditas conscientemente (Stein, 1998).

Jung (1906), então, passou a analisar mais profundamente esses conteúdos latentes em seus pacientes e percebeu que algumas palavras-estímulos se associavam em volta de um mesmo tema, funcionando como um núcleo de energia psíquica. Mais tarde, analisando seus pacientes do hospital e as pessoas que o procuravam, ele percebeu que não apenas palavras

serviam de estímulo para a manifestação desses núcleos de energia psíquica, mas também pessoas, situações, ambientes, enfim qualquer experiência percebida pelo sujeito consciente ou inconscientemente. A esses núcleos Jung deu o nome de Complexos.

Para explicar a formação dos complexos, Jung (1935) demonstrou como o sujeito se organiza psiquicamente, dividindo a psique humana em dois sistemas, a ectopsique e a endopsique.

Ectopsique é um sistema de relacionamento dos conteúdos da consciência com os fatos e dados originários do meio-ambiente, um sistema de orientação que concerne à minha manipulação dos fatores exteriores, com os quais entro em contato através das funções sensoriais. A endopsique, por outro lado, é o sistema de relação entre os conteúdos da consciência e os processos desenvolvidos no consciente. (Jung, 1935, Pag. 8)

Ele fala das funções ectopsíquicas como sendo a forma pela qual nós percebemos o mundo exterior, sendo elas: a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição, estando o Ego no centro delas, funcionando como um mediador. Para Jung (1935), o Ego seria um complexo formado primeiramente por uma percepção geral do nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória, ou seja, o maior de todos os complexos, que fornece um sentido de consistência e direção em nossas vidas conscientes. De acordo com o autor a psique seria formada de uma parte consciente e outra inconsciente, o ego emerge do inconsciente e reúne inúmeras experiências e memórias, desenvolvendo a divisão entre o inconsciente e o consciente. No ego se localizam, assim, os elementos conscientes derivados da experiência pessoal percebidos pelas quatro funções ectopsíquicas (Fadiman, 1986). Jung se baseia nessas funções para escrever sua teoria sobre os tipos psicológicos, onde explica mais detalhadamente cada uma dessas funções e as relaciona entre si.

No sistema endopsíquico, Jung (1935) descreve as funções da *memória*, dos *componentes subjetivos das funções conscientes*, das *emoções e afetos* e da *invasão*. Quanto à memória ele a descreve, num primeiro momento, de forma similar ao seu antigo mestre Freud, como sendo: “uma instância que nos liga aos fatos enfraquecidos na consciência, aos dados que se tornaram subliminares ou que foram reprimidos, ou seja, a memória seria a faculdade de reproduzir conteúdos inconscientes.” (pag. 18).

Jung faz uma metáfora da memória com sendo igual a um cavalo arreado que se recusa a deixar-se ser guiado.

Para se entender melhor o conceito de complexos, é fundamental entender o que Jung (1935) em seu seminário sobre os fundamentos da psicologia analítica veio a chamar de “componentes subjetivos das funções conscientes”. Nesse sentido, ele mostra como o sujeito percebe o mundo externo de forma subjetiva e como isso se relaciona diretamente com a percepção de cada um. Para falar dessa função Jung dá o exemplo de quando encontramos uma pessoa que não vimos há muito tempo, apesar de conhecermos essa pessoa e termos uma idéia consciente sobre ela, no momento em que a encontramos surgem pensamentos que não sabemos de onde vêm que não podemos dizer imediatamente, e que talvez saibamos que não são verdadeiros em relação àquela pessoa. Para Jung (1935):

Toda aplicação de uma função consciente, trate ela de qualquer objeto, é sempre acompanhada de funções subjetivas, mais ou menos inadmissíveis, injustas ou imperfeitas. A dificuldade de se admitir esses ‘fenômenos’ é devido ao fato de não aceitarmos prontamente os conteúdos inconscientes da nossa sombra. Os componentes subjetivos seriam então uma tendência a reagir de determinada maneira, sendo que ao mesmo tempo a disposição não lhe é favorável (Jung, pag. 18).

Quanto às emoções e aos afetos, Jung (1935) não os caracteriza como uma função, mas sim, como partes de um inconsciente pessoal que irrompem ao consciente em dados momentos, assumindo o controle sobre o ego, ele exemplifica dizendo que é como quando vemos uma pessoa tomada pelo sentimento de raiva e falamos: “Ele está fora de si”. Uma outra função abordada por Jung é a invasão, que em poucas palavras, é quando o inconsciente toma controle sobre o consciente, nesses momentos podemos esperar do indivíduo as atitudes mais inabituais, não necessariamente se constituindo em um caso patológico.

1.2. Tonalidade afetiva dos complexos

A base essencial de nossa personalidade é a afetividade. Quando pensamos e agimos, estamos de certa maneira reagindo de forma inconsciente de acordo com os afetos. Jung (1906) diz que:

A realidade dispõe as coisas de tal modo que o ciclo pacífico das idéias egocêntricas seja constantemente interrompido por idéias de forte tonalidade afetiva, os chamados *afetos*. Uma situação de ameaça e perigo põe à parte o jogo calmo das idéias com tonalidade afetiva mais forte (pag. 33).

Isso se dá porque os complexos vêm acompanhados muitas vezes de uma forte carga emocional. Existem complexos menos carregados e complexos mais carregados dessa carga afetiva, os quais Jung (1906) chama de “complexos de grande envergadura”. Quanto maior for a carga afetiva relacionada a um complexo, mais influência ele exercerá sobre a pessoa, sobressaindo ao ego e à consciência. Quando um complexo afetivo assume a tonalidade de atenção com grande força, ele desencadeia uma série de reações corporais ligadas a ele, como taquicardia, tremor em partes do corpo, tez pálida, etc., essas reações podem se alterar de acordo com a natureza do complexo, Jung (1906) descreveu esse fenômeno dizendo que nessas horas o complexo está constelado. Ao longo da vida, esses complexos são alimentados com novas experiências e ganham força, aumentando de tamanho e exercendo mais influência sobre o ego, isso se dá através das associações relacionadas ao afeto que nós fazemos ao longo de nossas experiências, mas cada um reage aos complexos de forma diferente, de acordo com a sua história de vida, sensações, emoções vivenciadas relacionadas a situações específicas da vida de cada um, isso explicaria porque uma pessoa reage com muito medo diante de uma situação x, e outra pessoa diante da mesma situação pode reagir de forma

diferente. Assim: “... por um lado, os complexos de grande envergadura compreendem em si inúmeras inervações corporais e, por outro, os afetos fortes constelam um grande número de associações, graças ao estímulo poderoso e persistente que provocam no corpo.” (Jung, 1906, pag. 35).

Os complexos, mesmo quando não estão exercendo influência significativa na vida do indivíduo, podem ser percebidos nos sonhos, onde aparecem através de “alusões disfarçadas”. Eles se encontram em um estado de repressão, pois geralmente, dizem respeito a segredos íntimos, delicadamente escondidos, que a pessoa não quer ou não pode revelar, existem complexos que mobilizam maior carga afetiva que outros, nem todos os complexos dizem respeito a conteúdos tão marcantes e íntimos (Jung, 1906). Eles podem se enfraquecer ao longo do tempo se não estimulados, ou seja, se a pessoa não passar por nenhuma situação específica em sua vida, que a remeta à situação que originou o complexo. No entanto eles permanecem ativos, embora com força menor, por muito tempo, e podem voltar a ganhar força através de estímulos semelhantes, o que Jung (1906) veio a chamar de “efeitos crônicos do complexo”, que podem se dar de duas formas:

Existe um tipo de efeito do complexo que dura um longo período e pode, muitas vezes, ter sido provocado por um afeto ocorrido apenas uma vez; Existem, porém, em especial, efeitos crônicos do complexo que permanecem, na medida em que o afeto é constantemente estimulado (Jung, pag. 35).

Para a primeira categoria, em que o efeito do complexo permanece durante anos sem ser estimulado freqüentemente, pode-se citar vários exemplos, como o de uma criança que foi mordida por um cachorro e passa o resto da vida com medo sempre que avista um cachorro, ou alguém que em certa altura de sua vida sofre um afogamento, e passa um longo tempo sem querer entrar em locais aonde a água não dê pé, ou até mesmo não queira nem entrar na água,

ou quando a pessoa sofre um acidente de carro e deixa de dirigir, etc. Sobre a segunda categoria temos os melhores exemplos de constelações de complexos, segundo Jung (1906) “os efeitos mais fortes e persistentes encontram-se nos complexos sexuais, onde a tonalidade afetiva se mantém, por exemplo, através da contínua não satisfação sexual.” (Pág. 36).

1.3. Efeito social dos complexos

Com base na idéia do efeito duradouro do complexo, podemos analisar os efeitos sociais a que estes se relacionam. O indivíduo nasce e cresce dentro de uma sociedade repleta de valores morais, religiosos, éticos, etc. que o influenciam na forma como ele se organiza psiquicamente, o sujeito enxerga o mundo através da sua percepção dos diferentes eventos vividos por ele, mas essas experiências estão relacionadas com o meio cultural no qual estar-se inserido. Valores aprendidos na escola, a educação dos pais e pessoas importantes presentes em nossa vida durante a infância, o contato social ao longo de toda a sua vida, são fatores que podem alimentar grandes complexos no indivíduo, e influenciar muitas vezes, sua maneira de viver e perceber o mundo, cada indivíduo dá significado particular a cada momento da sua vida de acordo com a quantidade de carga afetiva que esses acontecimentos mobilizam nele, não é a toa que muitas vezes, os grandes complexos que nos movem se organizam a partir de eventos vivenciados na escola durante a primeira e segunda infância. González Rey (2003) aponta a importância do pensamento junguiano no sentido de ser um dos primeiros pensadores a observar a relação da condição histórica do sujeito com a origem variável dos conteúdos inconscientes, incentivando o pensamento psicanalítico na compreensão da natureza histórico-social dos processos psíquicos do indivíduo.

A respeito da teoria junguiana dos complexos, González Rey (2003) afirma:

Um conceito fundamental na obra de Jung, semelhante às categorias complexas processuais que hoje são usadas para dar conta da subjetividade, é o complexo, que configura diferentes forças e mantém-se em permanente transformação. O complexo como momento dinâmico de encontro entre o inconsciente pessoal e o

coletivo manifesta-se como uma instância constitutiva do inconsciente individual (pag. 32).

González Rey (2003) sugere que o sujeito enxerga o mundo através do véu da sua subjetividade, e cria, ao longo da sua história pessoal, zonas de sentido, que dizem respeito tanto às experiências pessoais do indivíduo, quanto ao plano histórico-social em que ele se encontra, dentro de uma relação dialética complexa entre o social e o sujeito. Apesar de Jung ter dado pouca ênfase em seus textos a esses aspectos subjetivos do sujeito, fica implícita em grande parte de sua obra a influência do social na formação psíquica do sujeito, alguns complexos pertencem ao “coletivo”. Stein (1998) diz que: “em sociedade muitas pessoas estão ligadas de modo similar, psicologicamente falando. Pessoas que crescem nas mesmas famílias, ou em extensos grupos de parentescos ou em culturas tradicionais, têm considerável co-participação nessa estrutura inconsciente comum.” (pag. 50).

Concluindo, os complexos seriam grandes centros de energia psíquica que “orbitam” como satélites dentro de um inconsciente pessoal, sofrendo influência em sua formação, tanto de estímulos individuais carregados de emocionalidade, como sociais que marcaram de alguma forma o sujeito. Jung manteve-se fiel ao seu conceito de complexo durante toda a sua obra, porém, acrescentou alguns detalhes ao longo da sua vida. Um dos acréscimos mais significativos que Jung fez à teoria dos complexos foi associar à formação deles com “componentes arquetípicos”, ou seja, inatos ou primitivos (Stein, 1998).

1.4. Inconsciente Pessoal e Coletivo

É importante citar a relação que Jung faz dos complexos com o “inconsciente pessoal” e o “inconsciente coletivo”, pois é através desses conceitos que Jung desenvolve toda a sua obra e fundamenta a sua forma de enxergar a configuração da organização psíquica complexa do sujeito. A respeito do inconsciente pessoal Jung (1912) diz que:

O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassam o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência (pag. 58).

Diferindo da concepção Freudiana da época, Jung acrescenta ao inconsciente pessoal, além dos materiais reprimidos, sugeridos por Freud, o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência (Jung, 1916). Jung argumenta que seria impossível explicar apenas pelo princípio da repressão a natureza subliminal de todo o material psíquico do sujeito, pois, se não, quando trabalhadas as repressões, o indivíduo apresentaria uma memória, nas palavras de Jung, “fenomenal”, à qual nada escaparia. Isso significa dizer, que para Jung além dos conteúdos reprimidos, por qualquer que seja a razão, fazem parte do inconsciente pessoal, também, todos os conteúdos percebidos pelos sentidos, mesmo que inconscientemente, que no futuro, poderão ser as “sementes” de conteúdos conscientes. Isso explicaria o fato de muitas vezes passar pela nossa cabeça coisas que aparentemente não sabemos, ou sonharmos com conteúdos que nos parecem indiferentes. O inconsciente pessoal se assemelharia a um grande buraco negro que absorve todo e qualquer estímulo percebido por nossos sentidos durante toda a nossa história pessoal, seja de forma consciente ou não. O movimento do inconsciente

peçoal não é autônomo, ele atua em conjunto com a consciência dentro de uma relação compensatória (Jung, 1935). Os conteúdos deste inconsciente estão a todo tempo em conexão direta com o consciente, seja através dos sonhos, atitudes tomadas de forma “impensada”, lapsos, etc., são formas dinâmicas de a psique manter o seu estado de equilíbrio dentro de uma configuração psíquica saudável, isto é, sem trazer ao indivíduo um sofrimento psíquico maior do que ele pode agüentar.

Diferente de Freud, Jung amplia o conceito de inconsciente para além de uma camada pessoal, relativa aos conteúdos relacionados com a história particular de cada indivíduo (1912). Os estudos realizados ao longo de sua vida, incluindo análises de seus próprios sonhos, o fizeram pensar além. Assim, ele começou a observar que os indivíduos traziam-lhes sonhos relacionados a conteúdos que não faziam, necessariamente, parte da sua história de vida, mas que tinham relação com eventos históricos acontecidos antes do seu tempo de vida, símbolos de civilizações antigas, etc. Além disso, ele começou a perceber também que muitos desses sonhos, mesmo apresentados por pessoas diferentes, tinham alguns traços semelhantes entre si, como se houvesse algum tipo de comunicação entre os inconscientes das pessoas. Para esses fatos observados diretamente ao longo de vários anos de experiência, Jung (1912) deu o nome de “inconsciente coletivo”, sendo esse, um dos principais fundamentos teóricos que o afastaram de Freud. Sobre o inconsciente coletivo, em 1912, ele afirma ser este desligado do inconsciente pessoal por ser totalmente universal, e também por seus conteúdos poderem ser encontrados em toda parte, diferente dos conteúdos pessoais. Para explicar melhor a característica coletiva do inconsciente, ele faz uma analogia com as semelhanças universais dos cérebros, a respeito disso ele afirma:

A semelhança universal dos cérebros determina a possibilidade universal de uma função mental similar. Tal função é a psique coletiva, que se compõe de um pensamento coletivo. Na medida em que há diferenciações correspondentes à

raça, tribo e família, acima do nível de uma psique coletiva “universal” mais profunda. Empregando uma expressão de P. Janet, a psique coletiva compreende as “parties inférieures” das funções mentais, isto é, a parte solidamente fundada, herdada e que por assim dizer funciona automaticamente, sempre presente ao nível impessoal ou suprapessoal da psique individual. Quanto ao consciente e inconsciente pessoais, podemos dizer que constituem as “parties supérieures” das funções psíquicas, em resumo, da parte adquirida e desenvolvida ontogeneticamente, como diferenciação pessoal (Jung, 1912, pag. 124-125).

Dessa forma, o indivíduo que incorpora *a priori* e inconscientemente a psique coletiva latentes, que preexistem a sua história de vida pessoal, pode se misturar com esses conteúdos coletivos de forma a não perceber os limites da sua personalidade, isso explicaria a razão de tantas pessoas hoje procurarem terapia buscando conhecer um pouco mais de si mesmas, alegando não saber direito onde elas terminam e onde começa o outro. Esse é um dos pontos mais polêmicos na obra Junguiana, no qual muitos psicanalistas se apoiaram para fazer críticas ferrenhas à sua teoria, como o próprio Freud, Biswanger, Otto Rank, entre outros do círculo de Viena, mas a questão deve ser analisada com mais cuidado. Quando é dito que há “diferenciações correspondentes à raça, tribo ou família, acima do nível de uma psique coletiva universal”, Jung mostra que esses conceitos, antes mesmo de fazerem parte da história pessoal de um sujeito específico, eles já foram construídos histórica e socialmente de uma forma cultural há milhares de anos, e muitas vezes o sujeito vive de uma forma passiva a essas construções, o que não é muito difícil de ser observado atualmente. Mas ele não quer dizer com isso, que é o que muitos teóricos afirmam para desvalorizar a teoria Junguiana, que o sujeito está fadado a viver pelo resto de seus dias sob o controle dessas construções histórico-culturais, que ele veio a chamar de “arquetipos”, pois o arquetipo não é uma estrutura cristalizada, mas sim, uma forma primordial que adquire conteúdo à medida que o

sujeito, através da sua experiência, se torna consciente (Jung, 1961). Por isso é importante fazer a diferenciação do que está no âmbito “pessoal” e do que está no “coletivo”, havendo a necessidade da busca do sujeito pelo auto-conhecimento, para que haja a conscientização e a re-significação desses conteúdos através da percepção do próprio sujeito.

Jung acreditava que, rigorosamente falando, não se pode dizer em absoluto que o inconsciente coletivo existe, mas, como conceito, representa apenas a possibilidade de certos tipos de experiência. Em suma, o termo não se refere a alguma entidade oculta misteriosa, mas ‘é um modelo hipotético e irrepresentável’ (Clarke, 1992, p. 156).

1.5. Arquétipos e Mitos

Sobre o conceito de arquétipos Jung afirma:

O conceito de arquétipo deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram *temas* bem definidos que reaparecem sempre e por toda a parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas idéias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mais são acompanhadas de tonalidade afetivas vívidas...Elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda a parte (1961, pag. 199).

Jung fez diversos experimentos ao longo de sua vida, sendo que as primeiras observações sobre o conceito de arquétipo foram desenvolvidas a partir do seu contato com pacientes “esquizofrênicos”, no hospital psiquiátrico Burgholzli em que iniciou sua carreira como médico no início do século XX. Além disso, ele viajou para diversos lugares do mundo para verificar se os arquétipos tinham inter-relações, mesmo em culturas diversas, foi a aldeias longínquas no interior da África analisando sonhos e anotando relatos dos nativos. Fez pesquisas com grupos de negros que viviam na América do Norte, analisou sonhos e desenhos de seus pacientes de diversos países do mundo, como Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos, para citar apenas alguns, e observou que o que chamou posteriormente de arquétipos estava presente em todas as culturas que visitou, através dos símbolos, dos mitos, dos contos populares, nas fantasias e nos sonhos dos indivíduos.

Apesar de muitos pensarem que os arquétipos são uma criação de Jung, na realidade, eles têm a sua origem muito antes na história. Ele apenas deu nova roupagem e acrescentou novas idéias ao conceito, adaptando-o a sua teoria. Platão foi possivelmente um dos primeiros a tratar desse tema, ele dizia que a aquisição do conhecimento representava na verdade uma espécie de recordação, na qual formas ou idéias, aprendidas antes do nascimento, eram trazidas ao consciente devido a estímulos percebidos através dos sentidos. Outro grande personagem histórico que tratou deste tema foi Santo Agostinho, dizia ele que a imagem de Deus está gravada em cada alma (Clarke, 1992). Mas a influência mais marcante e mais citada pelo próprio Jung em seus textos é a de Kant, para ele a mente apresenta uma estrutura *a priori* que modela nossa percepção e conhecimento do mundo (Clarke, 1992). Kant chama isso de “lógica transcendental”, uma vez que ela trata daquilo que podemos saber dos objetos independentemente da experiência, a partir das condições subjetivas de apreensão deles (Thouard, 1965). Mas Jung se diferencia de Kant no que tange a natureza mutável dos arquétipos:

É necessário sublinhar o fato de que os arquétipos não têm um conteúdo determinado; eles só são determinados em sua *forma* e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial só tem conteúdo determinado a partir do momento em que se torna consciente e é, portanto, preenchida pelo material da experiência consciente... O arquétipo em si mesmo é vazio; é um elemento puramente formal, apenas uma *facultas praeformandi* (possibilidade de formação), forma de representação dada *a priori*. As representações não são herdadas; apenas suas formas o são (Jung, 1961, pag. 576).

Com isso Jung mostra o caráter flexível dos arquétipos, os quais sofreram e sofrem várias alterações ao longo da história humana e continuarão a mudar paralelamente à evolução da espécie, pois eles nada são, além de toda a bagagem de experiências afetivas, sensoriais e

cognitivas construídas até hoje no palco mundial. Jung diz ser ilusão tentar esgotar a essência de um arquétipo. Explicá-lo por inteiro em seus mínimos detalhes seria impossível, pois quanto mais se aproxima de uma explicação lógica e racional para o arquétipo, mais se afasta da sua real essência, sendo que “a melhor tentativa de explicação não será mais do que uma tentativa de tradução num outro sistema de imagens (Jung, 1961). Sobre esta característica flexível e individual do arquétipo Jung (1964) diz:

Aqueles que não percebem o tom de sensibilidade especial do arquétipo vão encontrar-se apenas com um amontoado de conceitos mitológicos que podem evidentemente ser juntados para provar que todas as coisas, afinal, têm alguma significação – ou nenhuma. Todos os cadáveres do mundo são quimicamente idênticos, mas o mesmo não acontece com o indivíduo vivo. Os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, porque e de que maneira eles têm significação para um determinado indivíduo vivo (Pag. 96).

Segundo Silveira (2007), os arquétipos são também a matéria prima básica para a construção dos mitos na história da humanidade. Os temas míticos não são encontrados apenas nas mitologias dos povos antigos ou entre grupos humanos primitivos, eles emergem constantemente do inconsciente nos sonhos, em homens, mulheres e crianças. É como se todos os dias, durante a noite, nós recriássemos a história da humanidade, em pequenos fragmentos espalhados nos sonhos de diversas pessoas, esses componentes míticos também podem aparecer em visões, alucinações e delírios, até mesmo em formas de *insights*. E foi a constatação repetida dessas ocorrências, sem que esses indivíduos tivessem um conhecimento prévio desses mitos, que levou Jung a perceber no inconsciente coletivo a origem dos moldes básicos para a formação desses mitos, ou seja, dos arquétipos propriamente ditos. (Silveira, 2007). O ser humano reconstrói e revive os mitos ao longo da sua existência, a começar pelo bem conhecido Édipo Rei, mito que apesar de ter sofrido muitas distorções, visto que se

tornou tão popular no senso comum, é vivido de formas infinitas e recria a cada dia a história do desenvolvimento humano e da busca eterna pela sabedoria em cada indivíduo.

A interpretação que Jung faz dos mitos acrescenta aos conceitos dos especialistas modernos dimensões mais profundas. Segundo Jung os mitos são principalmente fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psique. Resultam da tendência incoercível do inconsciente para projetar as ocorrências internas, que se desdobram invisivelmente no seu íntimo, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens. Assim, não basta ao primitivo ver o nascer e o por do sol; esta observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento psíquico: o sol no seu curso representará o destino de um deus ou herói que, em última análise, habita na alma do homem (Silveira, 2007).

Então, vê-se que os mitos tornam-se ferramentas fundamentais para trabalho do analista. Através do estudo dos mitos o terapeuta é capaz de identificar fragmentos míticos, símbolos, conteúdos relacionados a esses mitos, que são um indicador de algum ponto conflitivo, ou um momento de passagem, na vida do seu cliente, e, por meio dessa identificação, o analista torna-se capaz de agir de maneira a ajudar o sujeito a entrar em contato com seu inconsciente e assim perceber-se melhor em seu contexto de vida atual. Pois como disse Henderson:

As analogias entre os mitos antigos e as histórias que surgem nos sonhos dos pacientes de agora não são analogias triviais nem acidentais: Existem porque a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de fazer símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E esta capacidade ainda continua a ter uma importância psíquica vital. Dependemos muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por estes símbolos, e

tanto as nossas atitudes quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas (1964, pag. 107).

Dessa maneira, os mitos se apresentam como conteúdos latentes do inconsciente coletivo, remontam expressões de formas de vida, de estruturas de existência e de modelos que permitem ao homem moderno se inserirem na realidade, ou como disse Malinowski (2007), os mitos são a expressão de uma realidade original, onde o presente e o destino da humanidade caminham como que em trilhos, governados por essas expressões. (Silveira, 2007).

Segundo Jung (1950), o mito seria:

Aquilo que é acreditado em toda parte, sempre e por todos, portanto, aquele que pensa viver sem mito ou fora dele, constitui uma exceção. Ele é, na verdade, um erradicado, que não tem contato verdadeiro nem com o passado, a vida dos ancestrais (que sempre vive em seu seio), nem com a sociedade humana do presente. Não mora numa casa com os outros, não come e não bebe igual aos outros, mas vive uma vida isolada, envolto numa ilusão subjetiva elaborada por seu intelecto, e que lhe parece a verdade recém-descoberta (pag. 14-15).

1.6. Os símbolos

Toda imagem arquetípica não é um símbolo por si só. Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo, a esta imagem devem ainda juntar-se outros elementos (Silveira, 2007). Assim, todo símbolo traz em si a essência de um arquétipo, é uma construção complexa sendo associado ao sentido que ele evoca, e não apenas à imagem.

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. Alguns são simples abreviações ou uma série de iniciais como ONU, UNICEF ou UNSECO; outros são marcas comerciais conhecidas, nomes de remédios patenteados, divisas e insígnias. Apesar de não terem nenhum sentido intrínseco, alcançaram, pelo seu uso generalizado ou por intenção deliberada, significação reconhecida. Não são símbolos: são sinais e servem, apenas, para identificar os objetos a que estão ligados (Jung, 1964, pag. 20).

O símbolo, desse modo, não é apenas a representação de uma imagem consolidada e fixa que perdura ao longo dos séculos, mas, como os arquétipos, os símbolos são mutáveis, tendo sua origem na história da humanidade. O conceito de símbolo para Jung é diferente da escola Freudiana, assim, os símbolos não dizem respeito apenas a conteúdos reprimidos em um inconsciente pessoal referentes à história de vida do sujeito e relacionados a fenômenos do nascimento, da sexualidade e da morte (Silveira, 2007). Apesar de Freud ter se referido algumas vezes aos “*resíduos arcaicos*”, que seriam símbolos presentes nos sonhos do sujeito que não se referem especificamente a sua história de vida atual, ele não seguiu à frente nessas

investigações e não fez disso parte da sua teoria psicanalítica (Silveira, 2007). Para Jung, o símbolo é uma linguagem universal infinitamente rica, é capaz de exprimir por meio de imagens algo que extrapola e transcende a existência do sujeito, são fragmentos de um inconsciente coletivo independentes do espaço e do tempo (Silveira, 2007). Outra diferença entre as visões destes pensadores é que Freud afirma que a simbolização surge como resultado do conflito entre a censura e as pulsões reprimidas, enquanto que para Jung, essa simbolização se dá como função mediadora, uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização (Silveira, 2007). Segundo Jung (1950): “um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória” (pag. 213).

Jung (1964) faz uma diferenciação entre os símbolos *naturais* e os símbolos *culturais*, sendo que os primeiros são referentes aos conteúdos inconscientes da psique, representando um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais, podendo se chegar às suas origens mais arcaicas, ou seja, idéias e imagens que são encontrados nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Já os símbolos culturais, são aqueles que foram utilizados ao longo da história para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados até hoje em muitas religiões, sofrendo várias transformações e sendo hoje imagens coletivas aceitas pelas sociedades modernas civilizadas. Esses símbolos culturais, guardam ainda uma espécie de “magia”, pois evocam reações emotivas profundas em algumas pessoas, e a tentativa de erradicá-los através da repressão ocasionaria danos psíquicos incalculáveis, pois para Jung, esses conteúdos latentes quando reprimidos são transformados em uma espécie de “demônio”, que consome parte da energia psíquica do sujeito, adquirindo em certa medida o controle sobre as atitudes deste, a estes aspectos destrutivos do psiquismo humano Jung (1935) nomeou de *sombra*.

Na era moderna, o homem perdeu o seu contato simbólico com a natureza, com o irracional e intuitivo, e passou a agir de forma mais científica e racional, negligenciando o seu passado e seus ancestrais, suas tradições e ritos, com isso, esses conteúdos foram reprimidos e permanecem no seu inconsciente, é comum atualmente se ver índios que foram englobados pelas grandes metrópoles, mendigarem nas ruas, esqueceram suas crenças, não veneram mais seus Deuses, sol, trovão, etc., perderam sua identidade e com isso sua força e seu poder a existência desses indivíduos passam a não ter mais sentido para eles (Jung, 1961).

O homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. E é deste ser, resultante da associação homem – símbolos, que temos de nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado. O ceticismo e a convicção científica coexistem nele, juntamente com preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma cega ignorância (Jung, 1964, pag. 96).

Os símbolos emergem do inconsciente através dos sonhos como uma forma de compensação, para que esses conteúdos não se tornem aspectos sombrios e não venham a causar algum tipo de sofrimento psíquico com o tempo. Devemos atentar para alguns detalhes em relação aos conteúdos simbólicos dos sonhos, como os arquétipos, que se mostram presentes no material onírico são dotados de imagem e emoção, apresentando-se simultaneamente. Quando há somente a imagem, sem carga emocional relacionada a ela, não há muitas conseqüências para o psiquismo do sujeito, mas, quando ela se mostra carregada de carga emocional, a imagem ganha energia psíquica e torna-se dinâmica, acarretando conseqüências variadas (Jung, 1961).

CAPÍTULO II

UNIVERSO ONÍRICO

2.1. Interpretação de sonhos: De Freud a Jung

Os sonhos foram para Jung um dos principais instrumentos de investigação dos processos inconscientes do indivíduo, assim como uma fonte inesgotável de símbolos. Sigmund Freud foi o primeiro a tentar explorar de forma empírica a importância dos sonhos na análise de elementos inconscientes, que segundo ele, não eram produtos do acaso, e sim possíveis sinalizadores de distúrbios psíquicos, como, por exemplo, a neurose. Freud baseou-se em seus estudos na associação livre de idéias a respeito dos sonhos, ou seja, o indivíduo falava sobre o sonho e sem pensar começava a fazer relações entre o sonho e a sua vida, dessa maneira Freud observou que vários conteúdos dos sonhos diziam respeito a acontecimentos, traumas, desejos, reprimidos que emergiam do inconsciente durante a noite em forma de sonhos (Jung, 1964).

Para Jung (1964), a livre associação de idéias não seria a melhor maneira para se chegar aos conteúdos inconscientes mostrados no sonho, pois ao se utilizar essa técnica o sujeito ao tocar em pontos delicados, que mobilizavam maior quantidade de energia psíquica relacionados a traumas ou aspectos pessoais afetivos indesejáveis, o indivíduo resistia a esses conteúdos e desviava seu foco para outros assuntos, impedindo assim que fosse explorado o simbolismo mais preciso do sonho. A esses conteúdos que mobilizavam maior quantidade de energia psíquica, como visto anteriormente, Jung (1906) chamou de complexos. A fim de se ater ao simbolismo e às associações que o indivíduo pudesse fazer em relação aos sonhos, ele

direcionava sua análise perguntando aos seus clientes qual era o significado das imagens contidas nos seus sonhos, voltando ao sonho sempre que o cliente tende-se a desviar-se do caminho da interpretação, dessa forma ele os defrontava com seus aspectos “sombrios” inconscientes e chegavam ao centro do complexo.

Só o material que é parte clara e visível de um sonho pode ser utilizado para a sua interpretação. O sonho tem seus próprios limites. Sua própria forma específica nos mostra o que a ele pertence e o que dele se afasta. Enquanto a livre associação, numa espécie de linha em ziguezague, nos afasta do material original do sonho, o método que desenvolvi se assemelha mais a imagem do sonho. Trabalho em redor da imagem do sonho e desprezo qualquer tentativa do sonhador para dela escapar. Inúmeras vezes, na minha atividade profissional, tive de repetir a frase: Vamos voltar ao seu sonho. O que dizia o *sonho*? (Jung, 1964, pag. 29).

Ao invés de usar a livre associação de palavras, Jung utilizava em sua terapia a imaginação ativa, que seria um uso especial do poder da imaginação para atingir os conteúdos inconscientes (Johnson, 1989). A imaginação ativa é um diálogo entre o consciente e o inconsciente, uma espécie de sonhar acordado, onde a pessoa que se submete à técnica fica consciente durante todo o processo, no qual as imagens afloram do inconsciente e aparecem no campo da imaginação, iniciando-se uma conversação com essas imagens, uma interação, pois elas respondem ao indivíduo da mesma forma que acontece nos sonhos, com o diferencial de que o sujeito começa direcionando a técnica e no desenvolvimento dela as imagens começam a se mostrar de forma diferente, como se adquirissem vida própria. É muito comum essas imagens apresentarem pontos de vista diversos dos da pessoa e até mesmo trazerem conteúdos os quais o sujeito não tinha conhecimento consciente. Mas nem sempre as experiências com essa técnica cria um diálogo verbal ou falado, às vezes o

conteúdo que emerge é totalmente simbólico (Johnson, 1989). Jung (1961) descreve uma experiência, com imaginação ativa, que teve enquanto pensava sobre sua vida:

Sentado em meu escritório, considerei mais uma vez os temores que sentia, depois me abandonei a queda. O solo pareceu ceder a meus pés e fui como que precipitado numa profundidade obscura. Não pude resistir a um sentimento de pânico. Mas então, abruptamente, a uma profundidade não muito grande, apoiei os pés numa massa pegajosa e macia. Senti grande alívio apesar de estar aparentemente em completa escuridão. Um pouco depois, meus olhos se acostumaram à obscuridade crepuscular. Frente a mim estava a entrada de uma caverna escura, na qual permanecia um anão com uma pele coriácea, como se estivesse mumificado. Passei apertadamente por ele, através da entrada estreita e fui patinando, a água gelada alcançando-me os joelhos, até o outro lado da caverna. Percebi então que numa saliência da rocha cintilava um cristal vermelho. Ergui a pedra e embaixo havia um espaço vazio. A princípio nada distingui nele, depois percebi no fundo, um curso de água. Passou um cadáver flutuando na corrente, era um adolescente de cabelos louros, ferido na cabeça. Seguiu-o um enorme escaravelho negro e então surgiu, do fundo das águas, um rubro sol nascente... (pág. 159).

Os símbolos que aparecem na imaginação ativa representam aspectos ainda não conhecidos do nosso interior, simbolizando o conteúdo do inconsciente, são como seres interiores dotado de mente própria que dizem e fazem coisas que são novas e surpreendentes para nós, podendo ser algumas vezes esclarecedoras, mas em outras desagradáveis para o nosso ego (Johnson, 1989).

Outra questão importante de se observar, em relação às diferenças entre o pensamento de Jung e Freud, é o valor que os freudianos davam ao processo transferencial, isso é, as projeções que os clientes faziam de figuras importantes em algum momento da infância, como pai, mãe, irmãos, parentes próximos, nas relações sociais mantidas no momento, incluindo o terapeuta. Jung, por sua vez, nunca deu tanta importância a esse processo, reconhecia a sua existência e o percebia, mas apenas isso (Mc Lynn, 1996). Assim, ao analisar os sonhos do sujeito, a prioridade estava em identificar as relações que ele fazia do sonho com a sua vida, e identificar qual a mensagem o sonho poderia estar passando para ele em um sentido simbólico, sem se ater a interpretar as imagens das pessoas que aparecem nos sonhos como projeções deste ou daquele personagem da vida do sujeito, pois para Jung (1961) os personagens que compõem os sonhos do indivíduo são, muitas vezes, aspectos inconscientes do seu próprio psiquismo. Dessa forma, o objetivo maior de Jung, ao analisar as imagens de pessoas que apareciam nos sonhos do sujeito, era tentar identificar qual aspecto do seu psiquismo, carregado de carga emocional, estaria alimentando complexos através dessas imagens, ao invés de apenas constatar que o indivíduo sonhou com seu pai ou alguém parecido com ele devido a um processo de transferência.

Os Freudianos aplicavam um redutor analítico causal aos sonhos que igualavam imagens oníricas a objetos reais, já Jung relacionava cada detalhe do sonho ao sonhador, tornando a análise dos sonhos mais focada no indivíduo e menos generalista, se afastando assim dos famosos dicionários de sonhos, que viraram moda certa época, associando indiscriminadamente imagens oníricas a significados fixos, sem diferenças de sonhador para sonhador (Mc Lynn, 1996). Jung quis, com isso, mostrar que se duas pessoas sonham com cobras, por exemplo, o que deve ser priorizado é qual o significado pessoal o sujeito dá a esta imagem, qual a história de vida ele tem com este animal, e ao se fazer isto, observa-se que, muitas vezes, são diferentes os significados dados às imagens por diferentes indivíduos, assim

como as interpretações dos sonhos, adquirem rumos totalmente diferentes, evitando desse modo interpretações prévias dos sonhos e priorizando entender o sentido pessoal do sonho para o sonhador (Jung, 1964).

2.2. Os Sonhos

Sobre os sonhos, Jung (1964) faz duas ressalvas:

Em primeiro lugar, o sonho deve ser tratado como um fato a respeito do qual não se fazem suposições prévias, a não ser a de que ele tem um certo sentido; em segundo lugar, é necessário aceitarmos que o sonho é uma expressão específica do consciente (Pág. 32).

Jung trata do sonho como um acontecimento normal e aponta a sua natureza causal, isto é, há uma causa *a priori* para a sua existência. Existe uma relação compensatória entre consciente e inconsciente, o indivíduo não é, na maioria das vezes, consciente o tempo todo, a consciência está onde está direcionado o nosso foco de atenção, mas muitas vezes somos assaltados por conteúdos inconscientes que emergem aparentemente sem razão específica, Jung dá o exemplo de um professor que estava passeando com um aluno e conversando atentamente com ele, quando de repente começam a surgir à sua mente pensamentos de infância, sem que nada na conversa pudesse ter suscitado tais pensamentos, ele começa a fazer uma análise de por onde passaram e se dá conta de que haviam passado por uma fazenda no caminho, e quando retornaram por esse mesmo caminho ele percebeu um cheiro de gansos, e se deu conta na mesma hora de que os pensamentos desencadearam as lembranças quando ele sentiu, inconscientemente, o cheiro pela primeira vez que passaram por ali, pois esse cheiro tinha relação direta com sua história de vida em sua infância (Jung, 1964).

Com este exemplo ele nos mostra como age o inconsciente do sujeito, e como algo que aparentemente não fazia sentido nenhum, passa a ter coerência, quando analisado mais minuciosamente à história de vida do sujeito. Nos sonhos ocorre da mesma forma, com o diferencial de que neles os conteúdos oníricos vêm carregados de símbolos e imagens. É a

partir deste processo psíquico que Jung explica certos comportamentos da pessoa “neurótica”, onde a mão direita não sabe o que faz a mão esquerda, a pessoa age mas não sabe a razão específica de por que age daquela maneira, vê mas é cega, escuta mas é surda, como se a percepção sensorial comum e a consciência estivessem eclipsadas. São esses mesmos conteúdos subliminares que emergem à consciência durante o dia, que são a base dos conteúdos simbólicos dos sonhos. (Jung, 1964):

Este material subliminar pode consistir de todo tipo de urgências, impulsos e intenções; de percepções e intuições; de pensamentos racionais e irracionais; de conclusões, induções, deduções e premissas; e de toda uma imensa gama de emoções. Qualquer um destes elementos é capaz de tornar-se parcial, temporária ou definitivamente inconsciente (pág. 37).

Este material subliminar se torna inconsciente de acordo com o nosso foco de interesse. O “esquecer”, tão estudado atualmente pela neurofisiologia, seria um processo normal no ser humano, o que não é interessante para nós em certo momento é deixado de lado para dar lugar a novos pensamentos e impressões, que adquirem nova carga emocional dando origem a novos complexos ou alimentando complexos já existentes. Mas não só lembranças e acontecimentos do nosso passado pessoal que emergem do inconsciente, Jung mostra que conteúdos totalmente novos, podem surgir em forma de inspiração para o homem em momentos críticos, ele explica essa possibilidade com exemplos históricos conhecidos, como o caso do químico alemão Kekulé que pesquisava a estrutura do benzeno e sonhou com uma serpente que mordía o seu próprio rabo, símbolo antiqüíssimo representado em várias civilizações antigas, com isso o químico intuiu que a forma que procurava seria um anel de carbonos formando um círculo fechado. Exemplos como esse estão presentes em toda história da humanidade, o que levou Jung a crer que existe algum tipo ligação entre os conteúdos

inconscientes, sugerindo a idéia de inconsciente coletivo, discutido anteriormente (Jung, 1964).

Existe um contraste entre os acontecimentos conscientes de nossa vida e a representação destes nos sonhos. Isso se dá porque nos sonhos o significado das imagens mostradas adquirem uma ampla significação. Assim, para uma pessoa sonhar com um cavalo, pode ter um significado totalmente diverso do que tem para outra pessoa que sonhe com o mesmo animal, mesmo em situações semelhantes. Segundo Jung (1964), isso ocorre porque temos conceituações diferentes dos objetos, dos animais, dos fenômenos que nos cercam. Mesmo que aparentemente duas pessoas descrevam uma mesma situação de forma idêntica, as duas podem ter dado sentido diferente a essa situação, mesmo que de forma inconsciente, e isso ocorre com tudo o que nos cerca no plano do racional consciente, isso porque, quando se sonha, o inconsciente vem à tona. Dessa forma, alguma situação que tenha ocorrido durante o dia, sem chamar nenhuma atenção e sem mobilizar nada aparentemente, quando sonhada, essa mesma situação pode adquirir um valor simbólico diverso e pode mobilizar grande quantidade de carga emocional, causando intriga e confusão no sonhador. Sobre isso Jung (1964) fala:

Na nossa vida civilizada despojamos tanto as idéias da sua energia emocional que já não reagimos mais a elas. Usamos estas idéias nos nossos discursos convencionalmente quando outros também utilizam, mas elas não nos causam uma impressão profunda. É necessário haver alguma coisa mais eficaz para que mudemos de atitude ou de comportamento. E é isto que a ‘linguagem do sonho’ faz: o seu simbolismo tem tanta energia psíquica que somos obrigados a prestar-lhe atenção (Pág. 48-49).

A função dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psíquica, pois o equilíbrio psíquico é reconstituído sutilmente através da produção de material onírico, havendo também

uma função complementar dos sonhos, que seria a tentativa do psiquismo compensar as deficiências da personalidade do indivíduo, prevenindo-o de perigos que possa encontrar seguindo o seu rumo atual. Um exemplo disso é a pessoa que tem um alto conceito de si, ou que constrói planos grandiosos em desacordo com suas capacidades e que sonha que está voando ou caindo. Essa pessoa pode cair de uma escada ou sofrer um acidente de carro. (Jung, 1964).

Sendo assim, o sonho pode algumas vezes pressagiar certas situações antes delas acontecerem, sem que haja de fato nada de mágico ou místico nisso. Jung (1964) diz que: “muitas crises da nossa vida têm uma longa história inconsciente. Caminhamos ao seu encontro passo a passo, despercebidos dos perigos que se acumulam.” (Pág. 50). O que deixamos de ver conscientemente, quase sempre é captado de forma inconsciente, e pode através dos conteúdos oníricos nos transmitir esta informação. Jung (1964) alerta para o cuidado com a análise dos sonhos, e critica os guias pré-fabricados e sistematizados para a interpretação destes, os símbolos oníricos não podem ser separados da pessoa que os sonhou e “não existem interpretações definidas e específicas para qualquer sonho.” (Pág. 53).

Segundo Bosnak (1994), o sonho não pode ser comparado a uma história, nem a um filme ou a uma peça teatral, o sonho é um acontecimento no espaço, uma articulação desse espaço onde o sujeito transita desperto, e ao se dar conta de que não se encontra nessa realidade e sim em outra, perdida no espaço e tempo, a chama de “sonho”.

2.3. Análise dos sonhos

Segundo Mc Lynn (1996), Jung observou que os sonhos se estruturavam em quatro elementos: exposição, desenvolvimento, culminância e solução, sendo que todos esses pontos não devem ser analisados isoladamente e que é necessária uma série de sonhos para que se chegue a uma interpretação definitiva. O sujeito inicia o processo expondo o seu sonho e fazendo o maior número de associações que conseguir dos conteúdos do sonho com a sua vida, podendo ser utilizada a técnica da imaginação ativa. Se o sujeito sonha com uma mesa, deve esclarecer ao máximo as características dessa mesa, qual seu tipo, sua cor, se já viu mesa semelhante em algum lugar que passou em sua vida, dessa maneira, os objetos e símbolos que aparecem nos sonhos, adquirem uma valoração particular e pessoal ao sujeito, sem nenhuma referência com significados preestabelecidos para as imagens presentes nos sonhos (Mc Lynn, 1996).

Concluindo-se esse estágio de análise pessoal do sonho, ele é amplificado, observando-se sua semelhança com conteúdos simbólicos e arquetípicos, referenciando esses conteúdos aos mitos e à história da humanidade (Mc Lynn, 1996). Jung (1964) discorre sobre esse tema exemplificando com símbolos religiosos. A esse respeito, diz:

Há muitos símbolos, no entanto (e entre alguns do maior valor), cuja natureza e origem não é individual, mas sim *coletiva*. Sobretudo as imagens religiosas: o crente lhes atribui origem divina e as considera revelações feitas ao homem. O cético garante que foram inventadas. Ambos estão errados. É verdade, como diz o cético, que símbolos e conceitos religiosos foram, durante séculos, objeto de uma elaboração cuidadosa e consciente, É também certo, como julga o crente, que a sua origem esta tão sorteada nos mistérios do passado que parece não ter qualquer

procedência humana. Mas são, efetivamente, “representações coletivas” que procedem de sonhos primitivos e de fecundas fantasias (Pág. 55).

Jung nunca foi a favor de interpretações generalistas para os símbolos encontrados nos sonhos, como os populares dicionários de símbolos. Ele destacava a importância de saber a origem histórica “primitiva” dos símbolos, mas que isso não fosse determinante na interpretação dos sonhos, que servisse apenas de guia e suporte, pois o aspecto pessoal relacionado aos símbolos era sempre mais importante (Jung, 1964)

Dessa maneira, os sonhos são passíveis de inúmeras interpretações, não se podendo nunca chegar a uma última análise dos conteúdos oníricos. É importante que se faça uma análise minuciosa desses conteúdos, levando em consideração o contexto histórico e social em que o sujeito está inserido, o momento político, associações pessoais e semelhanças com os conteúdos mitológicos e simbólicos presentes nos sonhos. Assim, temos várias formas de interpretação para um mesmo sonho, desde uma perspectiva mais superficial, até uma análise mais profunda e detalhada, atingindo o universo do inconsciente coletivo. Jung (1964) descreve um sonho que teve:

Sonhei que estava em *minha casa*, aparentemente no primeiro andar, numa sala de estar muito confortável e agradável, mobiliada no estilo do século XVIII. Estava admirado por nunca ter-me encontrado naquela saleta antes, e começava a perguntar-me como seria o andar térreo. Desci e cheguei a um cômodo bastante escuro, de paredes almofadadas e uma mobília pertencente ao século XVI, ou talvez mais antiga ainda. Minha surpresa e curiosidade aumentaram. Queria conhecer *toda* a disposição da casa. Desci então ao porão, onde encontrei uma porta que abria para um lance de degraus de pedra, levando a uma grande sala abobadada. O chão era de enormes lajes de pedra e as paredes pareciam muito

antigas. Examinei a argamassa e verifiquei que estava misturada a pedaços de tijolos. Obviamente eram paredes de origem Romana. Sentia-me cada vez mais agitado. Num canto vi uma laje com uma argola de ferro. Puxei a argola e encontrei outro lance de degraus estreitos que conduziam a uma gruta, uma espécie de sepultura pré-histórica, onde se encontravam duas caveiras, alguns ossos e cacos de cerâmica. Neste momento acordei (Pag. 56).

Nesse sonho, podemos ver como Jung descreve o ambiente que percorreu no sonho com detalhes, observando a época dos objetos, a arquitetura dos ambientes, Jung (1964) relaciona esse sonho a um resumo de sua vida, do desenvolvimento de sua mente. Associa a mobília antiga no sonho à casa em que nasceu, que tinha mais de 200 anos, com móveis de até 300 anos, nessa casa estudaram filósofos como Kant e Schopenhauer, representantes também dessa época passada. O grande acontecimento histórico da época (do sonho) era o trabalho de Charles Darwin. Jung relaciona isso a uma mudança de pensamento em relação à educação “medieval” que seus pais lhe impuseram ao longo de sua infância, voltada para um fanatismo religioso, onde Deus estava acima de tudo e de todos e a igreja assumia uma postura de onipotência. Pensamentos esses que se tornaram obsoletos e sua fé cristã perdera seu caráter absoluto quando começou a expandir seus horizontes para as religiões ocidentais e a filosofia grega, por essa razão, o andar térreo do seu sonho era tão silencioso, escuro e inabitado, pois se refere a uma parte da vida de Jung que não é mais coerente com sua forma de pensar e agir. Ainda em relação ao sonho, as caveiras são associadas a um interesse que ele tinha na época por estudos comparados entre anatomia e paleontologia, quando trabalhava em um instituto de anatomia, e ficara fascinado com o estudo fóssil do homem de Neanderthal e a caveira do *Pithecanthropus*, de Dubois.

CAPÍTULO III

ESTUDO DE CASO

3.1. Sujeito

Pedro tem 26 anos, nasceu em Brasília no Distrito Federal. Seu pai, de origem Italiana, mudou-se para o Brasil aos 25 anos, exerceu a função de padre da igreja católica durante 15 anos e casou-se em 1980. Sua mãe é brasileira, nascida no Rio de Janeiro, é médica e trabalha no hospital do Paranoá. Pedro descreve seu pai como uma pessoa calma, mas sua tranquilidade excessiva às vezes o irrita, é sábio, e não é apegado a coisas materiais. Sua mãe já é mais agitada, gosta de ficar dando opiniões na vida dos parentes, ele diz que ela “enche o saco” dele por besteiras o tempo todo, é agitada demais, sempre foi muito trabalhadora. Seus pais estão atualmente em uma missão no Timor Leste: o pai coordenando um grupo de professores brasileiros e a mãe trabalhando para a Organização Mundial da Saúde, mas acaba de retornar ao Brasil. Seu pai está quase completando dois anos no Timor, local onde muitos dos professores que estão com ele não conseguem ficar mais de três meses sem pedir para voltar. Pedro atualmente mora em um bairro de classe média alta em Brasília, na casa dos pais com sua mãe, irmão e avó materna, trabalha como Oficial do Corpo Militar de Bombeiros do Distrito Federal, gosta muito de sua profissão. Adora trabalhar nos Bombeiros, por possuir uma certa autonomia, por ser um local onde a prática de esportes é incentivada e também por ser um local de trabalho onde podem ser realizadas diversas atividades diferentes, ou seja, ele não sente que irá enjoar de trabalhar a vida toda nesse trabalho, diz também que no início foi um pouco difícil de se adaptar ao esquema de tratamento militar rígido, onde as roupas tinham que estar sempre impecáveis, arrumar a cama, fazer tudo exatamente como ordenado,

qualquer distração de sua parte ou de seus colegas de classe era punida com flexões, dias de detenção no quartel, sem poder sair para visitar a família ou amigos, pular na piscina gelada de roupa, etc. Essa forma de tratamento rígido serviu para que Pedro desenvolvesse mais disciplina em sua vida, mas também trouxe um pouco de estresse e tensões. Sobre os lados negativos de seu trabalho, Pedro diz que, às vezes, é escalado de última hora para realizar funções de coordenação em eventos militares e não pode negar, mesmo estando cansado ou sem vontade de ir, e também não ganha a mais por isso, tem que acordar muito cedo todos os dias (normalmente entre 5:00 e 6:00 da manhã) e, às vezes, ele quer ficar dormindo até mais tarde e não pode. Diz que é difícil programar viagens rápidas ou compromissos casuais nos fins de semana por causa dos plantões de 24 horas de serviço, que é obrigado a fazer duas vezes por mês, com escalonamento aleatório. Nos esportes costuma mudar de atividade com frequência, sendo que já praticou vários esportes durante sua adolescência e vida adulta, atualmente anda de bicicleta, faz natação e pratica Kite-surf. Além de ser bombeiro, Pedro é formado em biologia pela universidade de Brasília (UNB), diz que gostou muito de ter feito o curso lá e que fez bons amigos, aumentando o seu ciclo social.

Pedro é um rapaz novo, alto, está noivo após um namoro de oito meses, sua noiva, Marina, tem uma filha de seis anos. Pedro se relaciona bem com a noiva e sua enteada de modo geral, mas fala que às vezes sua enteada é muito desobediente, e se aproveita muito da situação que é mais favorável a ela, mudando de comportamento na frente da mãe e da avó dela. Sobre sua noiva ele ressalta que ela é prestativa demais, e por isso, não sabe dizer “não”, ele sente que às vezes ela é explorada e o fato de ela não saber ou não “querer” dizer não o irrita. No contexto atual de sua vida, está procurando um apartamento no plano piloto, onde irão morar apenas os três, Pedro, Marina e sua filha Raquel.

Pedro tem uma vida social ativa, gosta de sair com os amigos, mas atualmente tem se dedicado mais a programas de entretenimento com sua noiva e sua enteada. Sobre sua vida

religiosa ele diz que atualmente não frequenta nenhum culto religioso regularmente, mas vai eventualmente à igreja católica, acompanhando sua avó em alguma data mais significativa, ou acompanhando sua noiva ao centro espírita, também sem regularidade, cerca de uma ou duas vezes por mês. Entretanto, acredita na prática do bem, da ajuda ao próximo, do perdão, e em outras práticas pregadas por diversas religiões.

Passou para o Corpo de Bombeiros quando não sabia bem o que iria fazer de sua vida profissional, acabou continuando lá e atualmente gosta da profissão que escolheu. Prefere a qualidade de tempo livre para ficar com a família e amigos que ganhar mais dinheiro. Fala com orgulho que sua profissão é a mais bem aceita pela população, e se sente bem quando ajuda em ocorrências como acidentes de trânsito ou prestação de serviços sociais. Atualmente suas atenções estão voltadas para o casamento, por isso espera encontrar um apartamento no plano piloto para iniciar essa nova fase de vida. Com isso acredita que sentirá o que é ter uma família. Sente que apesar do pouco tempo de namoro, já conhece muito bem sua noiva e sabe que é a mulher da sua vida. Não quer perder tempo pois já tinha vontade de se casar. Sua noiva está estudando para prestar concurso e ele está contando que até o ano que vem ela estará com um emprego que garanta ao menos que possam viver bem, com simplicidade e juntar dinheiro para mudar de apartamento no futuro, ter filhos, o que no momento atual é inviável.

3.2. Cenário de pesquisa

Serão descritos sonhos que foram trazidos por Pedro durante os encontros marcados previamente, onde Pedro relata seus sonhos e então inicia-se um processo de diálogo a respeito desses sonhos e suas associações com relação a eles. Foi feita uma seleção de alguns sonhos trazidos por Pedro, os quais foram escolhidos em função da riqueza das associações feitas por Pedro, o que permitiu a construção de informações. Os detalhes contratuais desses encontros foram acordados verbalmente com Pedro antes de dar início às entrevistas. Nos próximos parágrafos, serão descritos os sonhos trazidos por Pedro, na ordem em que foram apresentados e por ordem de data. Na descrição dos sonhos encontram-se fragmentos entre parênteses, que são as impressões e associações que Pedro fez a respeito dos sonhos enquanto os relatava. Os nomes que foram usados na descrição dos sonhos são todos fictícios, a fim de manter a identidade dessas pessoas preservada. A análise dos sonhos descritos a seguir será feita com base na teoria de C. G. Jung, como foi mostrado no item 2.3. deste trabalho, referente a análise dos sonhos.

3.3. Construção de informação:

Primeiro sonho, datado de 28/09/2007: Eu estava no trabalho, lembro que o Major, sub-comandante me deu uma bronca porque eu havia feito alguma coisa sem a sua autorização, o que o deixou bastante irritado, era uma função que já era para fazer, mas ele queria que eu falasse com ele antes. (Pedro associa isso com uma bronca que levou a uns quatro anos de um Major, no quartel em que trabalhava. No dia anterior ao sonho, houve um treinamento para uma solenidade que iria acontecer em breve e o comandante do colégio estava muito preocupado com o sucesso dela). Depois do trabalho, eu estava com o pessoal da biologia fazendo uma confraternização em uma casa grande, tinha um pessoal jogando pingue-pongue, cada um fazendo alguma coisa. Daí chegou uma família com umas cinco pessoas, chegando meio desajeitados chamando atenção, carregando um monte de caixa de doces, essa família chegou para o casamento da Isabela, colega da biologia. A mulher da família conversou com a Isabela, pedindo desculpas por ter chegado atrasado, e a Isabela falou que não era o casamento dela naquele dia. (Pedro diz que a última vez que ele lembra de ter participado de uma festa com o pessoal da biologia, foi no casamento da Isabela. No dia anterior ao sonho, ele mandou um recado para Isabela no Orkut dizendo: Você casou e sumiu). Então a mulher deixou as caixas de doces em uma mesa, e as pessoas começaram a pegar os doces, a Isabela pegou uma caixa de doce e colocou entre as calças e a blusa (Associa ao fato de ela ser um pouco gordinha e guardou o doce para depois, pois estava jogando pingue-pongue na hora). Daí eu fui pegar um dos doces para comer, a caixa dos doces era chique, pareciam doces de qualidade, quando mordi achei muito ruim, quando fui ver era um pão branco de sanduíche com gelatina no meio em forma triangular. Depois fiquei olhando uma menina jogando um jogo de vídeo-game do tipo que tem uma telinha e um volante, era uma espécie de caminhonete miniatura, era um vídeo-game antigo onde a tela

ficava rodando sempre a mesma paisagem, mas ao mesmo tempo a menina quando batia nos obstáculos o carro saía meio de lado, como uma colisão normal, eu pensei: os vídeo-games de hoje estão ficando muito modernos, quando chegou a minha vez de jogar eu comecei a jogar, mas não gostei muito, então parei, acho que porque não gosto mais de vídeo-game. (Pedro associa a menina pequena à juventude de uma forma geral e faz um comentário de que está ficando velho). Depois disso, falei com a Marina no telefone e ela disse que iria aproveitar o tempinho entre o horário de saída do seu trabalho da tarde e o horário de entrada à noite para fazer um lanche na casa de uma amiga dela. Lembro que eu fiquei muito chateado porque ela não aproveitou o tempo para fazer um lanche comigo, mas podia desviar do seu caminho para ir até a casa de sua amiga que ficava tão longe quanto ir ao meu encontro. (No dia anterior ao sonho Marina teve que trabalhar a noite e falou que não podia encontrá-lo porque estava sem gasolina no carro, mas acabou indo lanchar no Gilberto Salomão com o pessoal do zoológico, o que deixou Pedro irritado).

Interpretação: Neste primeiro sonho apresentado por Pedro podemos começar a perceber como seu psiquismo se organiza em complexos (Jung, 1906). O primeiro complexo que se observa é mostrado logo no início do sonho, é ligado ao “militarismo”. Pedro leva uma bronca do seu supervisor e fica irritado, nesta hora pode-se ver a carga emocional relacionada ao complexo. A raiva é uma emoção que pode estar presente em vários complexos e, neste caso, ela está diretamente relacionada ao senso de responsabilidade e disciplina que Pedro vivencia em situações cotidianas em seu trabalho. Logo após receber a bronca no seu trabalho, Pedro se vê em uma confraternização com um grupo de amigos, ele transita entre o dever e o prazer, evidenciando certa tensão entre esse dois aspectos. Diante da pressão do trabalho, Pedro vai em direção ao lazer, procura situações descontraídas para aliviar suas tensões.

Em seguida, aparece no sonho uma família, eles chegam atrasados, desajeitados, chamando atenção. Neste momento outro complexo é evidenciado, o complexo “casamento”, A família chega no dia errado do casamento de uma amiga de Pedro trazendo muitos doces. Pedro associa isso ao fato de ter mandado um recado na noite anterior para sua amiga dizendo que depois de casar ela sumiu. Talvez essa parte do sonho mostre certa ansiedade de Pedro em relação ao seu próprio casamento, um possível receio de que quando casar possa se afastar dos amigos assim como a amiga fez. A disciplina, que ele vivencia no trabalho agora é quebrada pelo atraso da família, que além disso ainda chega no dia errado e as coisas não acontecem do jeito que era previsto, do jeito que era esperado, como no início do sonho. A temática “casamento” aparece muito nos sonhos de Pedro, ele diz que desde o início do seu relacionamento com Marina, ela sempre falou em casamento, tudo que ela via, músicas que ouvia, roupas, ela dizia que iria ter no casamento dela. Além disso, várias pessoas que Pedro conhece se casaram ou estão de casamento marcado, dessa forma, esse tema está muito presente em sua vida cotidiana. Pedro diz que nunca havia pensado em casamento antes, que para ele só o fato de morar junto com alguém já seria suficiente, declara que a idéia de festa e uma grande comemoração são presentes no discurso da noiva, e que agora ele diz que começa a ver essa idéia de casamento como algo mais aceitável.

A família traz doces para complementar o casamento, o elemento “bronca” deve ser evitado, o doce serve de paliativo, mas Pedro ao ir ao encontro ao doce de forma impulsiva, sem ver o que estava pegando, pega um doce “esquisito”, com gosto ruim, desagradável, fica desapontado. O que era um objeto de desejo capaz de gerar prazer mostra-se de outra forma, talvez o doce “esquisito” venha mostrar a ele que seus desejos passam a ganhar nova moldura nesse momento de sua vida, o que antes era considerado divertido prazeroso, como as festas da faculdade, hoje passam a ficar em segundo plano diante de suas novas prioridades, como o casamento e sua relação com a noiva e a enteada.

A continuação do sonho de Pedro traz isso, Pedro vê uma garotinha jogando uma espécie de vídeo-game que o lembra jogos de infância. A garotinha dá a vez a ele, que joga por um tempo e percebe que aquilo já não o satisfaz mais, precisa de algo mais instigante, segundo suas próprias associações, isso significa que aquela fase ficou para trás, o vídeo-game não o atrai mais como diversão, há uma mudança de foco na vida de Pedro, ele agora se prepara para uma nova fase de sua vida, deixa as coisas de criança de lado.

A última parte do sonho diz respeito à relação amorosa de Pedro e sua noiva Marina, e evidencia outro complexo, muito comum nesse tipo de relação, que é o do ciúmes. O fato de sua noiva ter ido ao encontro de sua amiga no sonho e não ao encontro dele o deixa irritado, mobiliza certa quantidade de carga emocional, a raiva aparece novamente em outro complexo de Pedro. Os complexos estão sendo expostos aqui como esferas separadas e isoladas dentro do psiquismo de Pedro apenas a título didático, pois na verdade os complexos se entrelaçam uns nos outros. Aspectos da personalidade de Pedro como disciplina, responsabilidade, possessão, etc. perpassam seus complexos influenciando-os de maneira mútua e inseparável.

Outro aspecto interessante de se observar nesse primeiro sonho de Pedro é como se apresentam as figuras femininas. Para Jung (1964), os personagens que aparecem em nossos sonhos, são muitas vezes aspectos do nosso próprio psiquismo, e a forma como nós construímos uma percepção simbólica de masculino e feminino e lidamos com eles é mostrada nos sonhos através desses personagens.

No sonho de Pedro a única imagem masculina que parece ser mais relevante é a imagem do Major, que exercia a função de seu superior direto, se mostrando de forma autoritária, impaciente e agressiva, assim o psiquismo de Pedro constrói a imagem do masculino em seu inconsciente pessoal, no momento atual de sua vida. Já as imagens femininas do sonho se mostram de outra forma.

A primeira imagem que aparece é a de sua amiga Isabela. Ela ia se casar, seus convidados que chegam no dia e hora errados lhe trazem doces, quem lhe entrega os doces é a mulher da família, e ela guarda os doces em suas calças. O feminino aqui se mostra carente, faminto, precisa de mais do que o necessário para se saciar, o feminino nutre o feminino. Logo depois outra imagem aparece, a de uma menina que joga vídeo-game, uma criança que dirige um carro, do tipo caminhonete, e passa sempre pelos mesmos lugares, esbarrando por vezes nos obstáculos que passam por ela. Isso mostra como essa imagem está estagnada, se apresentando ainda na forma infantil, dirige sua vida de forma imprudente, inexperiente e imatura, o que é reafirmado na próxima cena do sonho, na reação irritada de Pedro ao ver sua noiva sair com outros amigos e não se dedicar inteiramente a ele no seu tempo livre.

Segundo sonho, 30/09/2007: Estávamos eu, Marina e Raquel no nosso apartamento, estávamos esperando para ver um curso na televisão. (Na realidade, ainda não moramos em um apartamento juntos, mas estamos procurando e pensando nisso há algum tempo. O curso que estávamos esperando para ver é um curso presencial de auto-conhecimento com duração de uma semana que iríamos fazer, mas foi cancelado no domingo, antes de iniciar-se). O quarto e a sala ficavam próximos, e o apartamento não era grande, sobrava pouco espaço além dos móveis, armários e cama. No sonho, liguei a televisão no nosso quarto para assistir ao curso, mas ao invés de começar o curso, começou a aparecer um casamento de uma amiga da Marina e da Júlia (amiga da Marina que se casou uma semana antes, mas não fui ao casamento porque estava viajando). O casamento parecia ser da própria Júlia, que eu havia perdido, mas estava tendo a oportunidade de revê-lo na TV, mas era de uma amiga da Júlia. Eu chamei Marina gritando-a do quarto para assistir ao casamento, mas percebi que ela estava vendo um filme com a Raquel no sofá e ao mesmo tempo falando com alguém no celular. (estava no quarto deixando Raquel ficar um tempo sozinha com a mãe, até porque ela hoje tem que dividir o tempo de sua mãe comigo, fator que ainda a deixa muito enciumada. O

celular dela, pré-pago, também está fazendo ligações gratuitas, fator que tem me irritado às vezes, principalmente quando tenho pouco tempo pra ficar com ela e ela fica batendo papo no celular). Após algum tempo ela aparece no quarto, ainda falando no celular, vestida com uma roupa íntima de um tipo de plástico grosso transparente e disse: “falei que abria pela frente”. Quando olhei, percebi que a calcinha era formada, na parte da frente, por um tipo de presilha, como nas fivelas de cinto, e que prendia pela frente. (Pedro associa essa calcinha a um artigo de sex-shop, mas quando olha a calcinha acha de mau gosto, esquisita, diz que às vezes tem vontade de visitar uma loja de sex-shop e comprar algo diferente para usar com a noiva). Eu respondi sobre a TV, falando que estava passando o casamento de sua amiga. No casamento, aparecia o rosto da noiva junto com filmagens aéreas de Brasília. Era um vídeo bem brega (esse casamento aconteceu na vida real, foi um casamento que Pedro não pôde ir porque estava viajando e sua noiva foi sozinha). Marina continuou falando ao celular até o final do sonho. Pouco tempo depois que ela entrou no quarto, Raquel atravessou a porta e cruzou os braços, aborrecida pelo fato de sua mãe ter deixado de dar colo a ela durante o filme a que assistiam. Falei para ela sair da frente, pois estava me atrapalhando a assistir ao casamento. Ela continuou na frente, brigando em voz alta com sua mãe pelo fato dela ter saído da sala (essa é uma atitude comum na vida de Pedro, sua enteada faz birras e se recusa a fazer o que ele pede em algumas situações, quando ele cobra alguma coisa dela, por exemplo, quando pede para ela escovar os dentes). Eu a segurei para puxá-la do caminho, mas fiz uma força descomunal para que ela se movesse, ao mesmo tempo em que tentava dar uns tapas nas suas costas e nádegas enquanto a puxava, parecia que ela não sofria nada, pois nem chorava e mal saía do lugar. Eu estava com muita raiva e ficava dando tapas nela, sem conseguir pegar muito impulso, pois estava puxando-a ao mesmo tempo. Continuei até me cansar e desistir, essa hora ela já estava comigo no meu colo. Ficamos quietos, eu, Raquel e Marina, em um silêncio total, mesmo Marina, que ainda estava com o celular na orelha. Ela me olhava com

um olhar de quem não sabia se me reprovava ou reprovava Raquel pelo episódio lamentável (Pedro relata que uma vez, todos estavam em um carro, Marina estava dirigindo e Raquel o respondeu de forma grosseira, ele deu um tapa nela, e sentiu que o clima ficou um pouco tenso).

Interpretação: No início do sonho Pedro fala de um curso de autoconhecimento que iria assistir pela televisão, isso pode significar que Pedro busca, inconscientemente, expandir seus horizontes e aumentar seu controle sobre si mesmo, o objeto escolhido no sonho para passar o curso foi a televisão, que é comumente usada para passar informações no plano material. É comum nas análises de Jung (1961) a comparação da nossa casa nos sonhos com a imagem inconsciente que nós construímos da nossa própria vida, sonhar com uma casa pequena pode sugerir que o sujeito esteja encontrando dificuldades para expandir-se, ou que faz uma projeção limitada da sua auto-imagem. No sonho o apartamento de Pedro é pequeno, tem pouco espaço entre os móveis, Pedro parece fazer uma projeção limitada de sua vida nesse momento, em seu discurso Pedro fala que pretende vender seus bens como, carro, moto, para investir em seu novo apartamento, diz que é preciso fazer alguns sacrifícios para se ter o que quer. O apartamento pequeno pode, talvez, também significar aqui uma dificuldade de Pedro em transitar entre os novos aspectos que compõem sua vida, como o casamento, a convivência com sua enteada, a idéia de ter de dividir sua vida com uma outra pessoa, o complexo de responsabilidade.

Não era o momento de Pedro assistir ao curso de autoconhecimento, ao invés disso, passa na televisão, um casamento de uma amiga de sua noiva, mais uma vez o complexo “casamento” é evidenciado, mostrando que o foco da atenção de Pedro está muito voltado para esse tema em sua vida cotidiana. Pedro chama sua noiva para assistir ao casamento com ele, mas é impedido por Raquel, sua enteada. Isso talvez possa significar uma tentativa de aproximação com o feminino frustrada por um aspecto sombrio de seu psiquismo

representado no sonho por Raquel, que se mostra contrária a essa aproximação de Pedro com Marina, sendo um obstáculo para essa comunicação. A comunicação com o feminino também é atrapalhada pelo celular, instrumento usado para se comunicar com outras pessoas, Pedro fica irritado com isso.

Logo em seguida Marina entra no quarto trajando uma espécie de roupa íntima, que nas palavras de Pedro é de mau gosto, brega, não lhe atrai sexualmente, apesar de Pedro ter feito associação dessa roupa com um artigo de sex-shop, fica claro que seu inconsciente mostra o inverso disso, uma roupa “esquisita” com presilhas e fivela de cinto. Foi pedido para que Pedro tentasse desenhar essa roupa íntima (Figura 1), e o resultado foi um desenho muito parecido com um cinto de castidade (Figura 2), instrumento muito usado na Europa por volta do ano 1400 D.C. Esses instrumentos eram utilizados por mulheres a mando de seus maridos que se ausentavam por longos períodos de tempo, isso era uma forma de garantir que a mulher não teria relações sexuais com ninguém enquanto o marido estivesse fora. Simbolicamente, neste sonho, vem mostrar uma possível insegurança da parte de Pedro, reforçando o complexo de “ciúmes” mostrado no final do último sonho. Pedro e sua noiva Marina tem algumas brigas por ciúmes, principalmente em relação a ex-namorados dos dois, fato esse que contribui para constelar o complexo relacionado ao ciúmes de Pedro em relação à Marina, Pedro relata ficar incomodado com o fato de sua noiva manter amizade com homens que já teve algum tipo de relação mais íntima, esse fato ficará mais evidenciado no próximo sonho relatado por Pedro.



Figura 1. Desenho feito por Pedro referente à roupa íntima que sua noiva vestia no sonho.



Figura 2. Cinto de castidade moderno, fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Chastity_belt.jpg

Ao mesmo tempo, no sonho, quando Marina entra no quarto, ela é seguida por Raquel, que faz birras e pede para que sua mãe volte, o que dá margem a uma segunda interpretação. Talvez o instrumento utilizado por Marina no sonho mostre a dificuldade que Pedro vê, em sua vida real, em ter um espaço mais íntimo e um tempo a sós com sua noiva, pois Raquel está sempre presente, o prazer, no sonho, é impedido pelo cinto de castidade, que vem acompanhado de Raquel. Ela se encontra fixa, imóvel, Pedro faz uma força descomunal para tentar movê-la, bate nela, fica furioso, mais uma vez a raiva mobiliza Pedro, é inútil lutar

contra sua própria sombra, outro complexo é evidenciado, o complexo de “Raquel”. Não a figura da pessoa propriamente dita que mobiliza a carga emocional em Pedro, mas sim o que ela representa, e nesse caso ela representa um impedimento da satisfação sexual e da busca livre e desimpedida de Pedro pelo prazer. Quando Pedro percebe que lutar não é a melhor forma para lidar com a situação, ele pára, todos ficam parados, imóveis, em silêncio, um momento de reflexão de Pedro sobre sua conduta “lamentável”, em suas próprias palavras.

Terceiro sonho, 02/10/2007: Estava em meu apartamento junto com Marina e Raquel, no sonho o apartamento era meu e de minha noiva, estávamos com um cachorro e um bebê emprestado, para ver como seria ter um filho e um cachorro (Pedro relaciona isso ao fato de sua enteada querer muito ter um cachorro de estimação e sua noiva ser Veterinária e adorar animais. Mas ele diz que o cachorro é um animal que ele não quer ter, pois toma muito tempo, dinheiro e dá muito trabalho). O cachorro era um filhote de labrador, ele chegou e fez xixi na porta de entrada da casa (Pedro relaciona isso com o fato de o cachorro da casa dos seus pais sempre fazer isso). Raquel pegava o cachorrinho pelas patas da frente, segurando o cachorrinho com a barriga para a frente e ele saía mijando pela casa inteira, por onde ela passasse, ele urinava muito, as paredes, o chão, e Raquel não se dava conta de que ele estava mijando a casa inteira. (Mais uma vez Pedro associa a bagunça do cachorro com o trabalho que dá ter um animal de estimação).

Interpretação: Mais uma vez Pedro se encontra em seu apartamento junto de sua noiva e sua enteada, dois novos elementos aparecem nesse sonho, o bebê e o cachorro, o bebê pode simbolizar aqui o nascimento de uma nova etapa da vida de Pedro, novas situações, Pedro diz que ele e a noiva estão vendo vários apartamentos para morar juntos, mas ainda não pensam em ter filhos. O cachorro, elemento da psique de Pedro, chega urinando na porta de sua casa. A urina teve vários significados ao longo da história da humanidade, para os orientais ela representava parte da essência do indivíduo, seu nome vem do ouro, o mais puro entre os

metais. Sobre o mundo animal se fala que o ato de urinar em algum lugar tem a função de demarcar territórios, em se tratando de uma análise Junguiana, o fluxo da urina pode ser interpretado como um fluxo de libido que é despejado. Para Jung (1961), a libido é vista como energia psíquica e adquire um sentido muito mais amplo do que para Freud, que relacionava libido às pulsões sexuais. Uma associação que pode ser feita com a vida de Pedro é o fato de, no momento atual, ele se encontrar um pouco cansado, indo visitar vários apartamentos para comprar, pequenas discussões com a noiva, birras de sua enteada, que não o obedece algumas vezes.

O filhote de cachorro, representando um aspecto mais “animal” do psiquismo de Pedro, marca seu território despejando sobre sua “casa” sua seiva, desprende sua energia em direção ao seu novo lar, seus novos objetivos. Em seguida, Raquel pega o cachorrinho pelas costas e anda com ele pela casa, e ele continua urinando. Aqui vemos duas partes da psique de Pedro interagindo: seu aspecto sombra representado por “Raquel” se une ao seu lado primitivo e ambos marcam seu novo lar, a paz está ameaçada, o trabalho e o peso que o animal representa para Pedro lhe drena as energias, desperdiça sua vitalidade, a falta de autoridade de Pedro sobre Raquel também se mostra clara nessa parte do sonho.

Quarto sonho 11/10/2007: Eu estava em uma igreja protestante (Pedro diz não conhecer igrejas protestantes na vida real, mas no sonho ele sabia que era uma igreja protestante e era a mesma igreja da sua sogra, sua noiva já lhe falou que a igreja da sogra é a batista, mas não fez muita diferença para Pedro porque ele não conhece de perto nenhuma delas). Era a igreja onde eu iria me casar. Chegou um senhor de meia idade, meio careca, com uma pasta aberta nas mãos (como se fosse uma ficha com todas as informações de Pedro, ele associa isso com o garotinho que acompanhava o padre em um filme que viu recentemente e associa também à pasta com a ficha individual dos alunos do colégio militar onde trabalha). Ele dizia “hmm, você sumiu hein!” “Tá voltando só porque vai casar né?”. O padre que iria

me casar era o Padre Henrique. No sonho, ele havia feito o casamento da minha mãe. (na vida real não, é apenas um amigo do pai de Pedro, com quem ele teve bastante contato em vários momentos da infância, mas não o vê a muitos anos). Eu ainda não havia falado nada para minha mãe, e não sabia qual seria a sua reação quando soubesse que eu não iria me casar na igreja católica (associação com o fato de sua mãe estar viajando quando Pedro ficou noivo, e de não conhecer os pais de sua noiva). Eu pensava em como e quando contar isso a ela, estava preocupado com sua reação (Pedro diz que não contou nada ainda para a mãe sobre os seus planos de casar e morar em outra casa), mas pelo menos seria com o Padre Henrique, fato que faria com que ela aceitasse mais facilmente. Estavam na nave central da igreja, eu, minha noiva, minha sogra e o senhor de meia idade, acertando os últimos detalhes. A igreja tinha um estilo mais antigo. (associação com igrejas de ouro preto, visitadas por Pedro em uma viagem recente pra lá, com alunos do colégio onde trabalha).

Momentos depois eu estava com o Coronel S., comandante do colégio onde trabalho, numa mansão com piscina, sauna, etc, conversando sobre mulheres. (Pedro associa isso com uma despedida de solteiro, pois o Coronel S. é bastante mulherengo e Pedro já saiu com ele a noite, quando estava solteiro, Pedro relaciona isso com uma despedida do seu lado mais “animal”, de “caçar” a mulher na noite, conforme os termos que o Coronel usa freqüentemente). Depois eu estava num parque, sentado no chão (associação com tardes de tranqüilidade, de falta de compromisso). Chega um cara magro, meio hippie, com barbicha e se apresenta como Daniel (ex-namorado de sua noiva na vida real, mas a aparência física Pedro diz desconhecer). Aí ele disse que esperava que fôssemos bastante felizes, desejando tudo de bom. Dizendo que ele também tinha um filho (Pedro associa isso como se ele estivesse simpatizando com ele pelo fato de que ser pai dá muito trabalho). Depois estava com uns amigos mais tranqüilos do bombeiro, que não vejo há algum tempo. Estávamos tentando cair pra trás fazendo ponte (a enteada de Pedro está aprendendo isso na ginástica rítmica) e

tentando dar palhaços com ajuda, dentro de um quarto com tamanho insuficiente para isso, não sei se era o meu quarto da casa dos meus pais ou o quarto de algum dos meus amigos. Passamos a tarde ali nos divertindo.

Enquanto isso eu sabia que a minha noiva estava fazendo alguma outra coisa, mais tarde, ela contou que estava com o Daniel, conversando sobre o relacionamento que eles tiveram. (associação com pessoas que sua noiva já teve algum tipo de relação íntima e que ainda tem contato atualmente). Que a conversa foi muito boa, pois estavam precisando resolver algumas coisas. Que ele chegou a dar em cima dela em alguns momentos (associação com o medo de Pedro de saber que ele pode dar em cima de sua noiva e com o fato de ela costumar ser sempre simpática, mesmo se estiver em situações inconvenientes, não demonstrando isso claramente pra outra pessoa), mas não aconteceu nada, e foi até bom pra ver que ela realmente não está afim. Que ela gosta muito dele, mas apenas como amigo. Ela dizia coisas do tipo “eu gosto muito dele, ele sabe disso, mas agora eu estou com você.” E vendo minha reação disse: “com a Carol você pode né?” (Pedro diz que às vezes sai para pedalar com sua ex-namorada, e que sua noiva não gosta nada dessa idéia). Eu não respondi nada, mas fiquei pensando que andar de bike, por 30min ou 1h era muito diferente de ficar juntos conversando sobre o próprio relacionamento e ainda com momentos onde o outro deu em cima dela. Sendo sem comparações, pois nas voltas de bike não dá nem tempo de conversar direito. Daí eu pensava que não teria ciúmes nenhum se ela tivesse apenas feito uma corrida com ele, de 30min. (em comparação com sua ex-namorada).

Interpretação: No início do sonho Pedro se encontra em uma igreja, pode-se fazer uma relação aqui com a religiosidade de Pedro, não o fato de ele ser católico ou não, mas a forma como essa religiosidade foi construída por ele. Nessa parte do sonho aparecem referências tanto ao pai (representado pelo senhor de meia-idade) quanto à mãe de Pedro, existe uma preocupação de sua mãe em aceitar seu casamento, para amenizar a situação, quem irá fazer o

casamento é um padre da igreja católica, que no sonho realizou o casamento de sua mãe, que é conhecido da família e alguém de confiança. Pedro tenta inconscientemente acalmar um possível conflito interno entre a religião seguida por sua sogra e a de seus pais, que para ele, parecem de alguma forma incompatíveis, mesmo ele não sabendo muito a respeito da religião de sua sogra, existe a possibilidade de a mãe não aceitar o casamento, o complexo materno aparece, evidenciando também algum conflito com o feminino. Pedro diz que sua mãe sempre foi muito exigente e intrometida, dando palpites na vida de todos, diz também que quando tinha menos idade tinha que freqüentar a missa da igreja católica sempre, e nunca podia faltar, mesmo não querendo ir em alguns momentos, se demonstrava que não queria ir sua mãe ficava extremamente chateada, ele apela então para seu pai, a quem Pedro atribui características de tranqüilidade e despreocupação, representado por padre Henrique no sonho.

Pedro diz que no dia anterior ao sonho, ele foi a um órgão da justiça acompanhar sua sogra, sua noiva e sua enteada para resolver questões referentes à guarda da criança, que estava sob a tutela da sogra e iria passar para a tutela da noiva de Pedro. Ele diz que foi só acompanhá-las, mas chegando lá, pensou como seria se o pai verdadeiro da enteada aparecesse pedindo a guarda da filha, ele ficou um pouco apreensivo. A assistente social chamou Pedro para conversar sobre sua convivência com sua enteada, e fez perguntas à enteada em relação a ele, nessa hora Pedro sente o peso da responsabilidade de estar fazendo parte dessa família agora. A visita à igreja, no sonho, acompanhado de sua sogra e sua noiva, pode representar também como essa situação atual da vida de Pedro mobiliza conteúdos mais profundos, complexos relacionados à responsabilidade, família, religiosidade, que vêm à tona e se misturam. Pedro fica um pouco confuso mas sente que está pronto para dar esse passo em sua vida.

No momento seguinte Pedro se encontra na presença de um Coronel do corpo de bombeiros, diz que ele é mulherengo e se comporta de maneira mais “animal” em relação às

mulheres. O Coronel, no sonho, simboliza um aspecto sombra da psique de Pedro, a sua parte mais “animal”, um masculino primitivo que vai à “caça”, representando seu desejo inconsciente de se relacionar sem compromisso, de fazer o que não é abertamente aceito pela sociedade e pelos círculos sociais que Pedro frequenta agora.

Após esse encontro com o Coronel ele se encontra no parque, sentado no chão, associa esse momento à tranquilidade, e o mais importante, à falta de compromisso. A pressão vivida no primeiro momento do sonho é contrastada com a “despedida de solteiro”, onde Pedro extravasa suas tensões, alivia o complexo de responsabilidade. Logo depois, um ex-namorado da sua noiva aparece de forma pacífica desejando felicidades aos noivos, um movimento inconsciente de tentar manter a paz, aliviar os conflitos de ciúmes. Na sequência do sonho, Pedro se encontra em um momento de descontração com amigos “tranqüilos”, eles fazem exercícios parecidos com os que sua enteada faz, ele se diverte como uma criança, e passa o resto da tarde ali.

A paz é quebrada quando Pedro lembra que sua noiva estava fazendo alguma coisa, e logo vai tirar satisfações, o complexo de “ciúmes” é constelado mais uma vez, a trégua inconsciente é quebrada, Pedro discute com Marina porque ela estava conversando com seu ex-namorado. Na sua perspectiva, ela não tem mais nada para falar com ele, e faz comparações em relação a sua ex-namorada, justificando que fazer esportes com ela é mais aceitável do que passar a tarde conversando. Pedro e Marina já tiveram algumas discussões nesse sentido na vida real, Pedro relata que Marina não vê problemas em manter contato com ex-namorados, mas que age também com ciúmes, quando ele relata fazer esportes com sua ex-namorada.

Quinto sonho, 13/10/2007: Eu estava em um hotel super luxuoso, parecido com o Blue Tree de Brasília, mas só que era mais luxuoso (associa isso ao fato de ter pensado que o hotel

poderia ter sido melhor, mas se decepcionou logo ao chegar), era um lugar muito grande, com o pé direito bem alto, o andar de baixo era maior e mais largo que o de cima, os andares subsequentes ficavam cada vez menos compridos, dando a idéia de formação de uma pirâmide. Eu estava nesse hotel com a minha noiva comemorando alguma coisa, não lembro o que era, talvez minha lua-de-mel (Pedro diz que teve este sonho quando estava hospedado em um hotel em viagem junto de sua noiva e sua enteada. Ele já tinha ido outras vezes a esse hotel, a última vez foi há uns dois anos e meio, ele foi com sua ex-namorada). Eu estava no corredor desse hotel e passei por uma mulher que eu já tinha ficado, mas não lembro quem era, só sabia que eu já tinha tido relações sexuais com ela antes, conversei com ela e ela me chamou para ir para o quarto dela, e eu fui. Ela sabia que eu estava com a minha noiva lá. Nós entramos no apartamento dela, o hotel tinha forma de “U” e o meu quarto e o dessa mulher ficavam um de frente para o outro um andar abaixo. No quarto havia uma janela muito grande, praticamente não havia paredes e as janelas de ambos os quartos estavam com as cortinas abertas. Logo que entrei no quarto eu pensei: daqui dá para ver tudo do outro quarto. A sala do quarto era bem espaçosa e bem luxuosa, eu comecei a beijá-la mas sempre de olho na janela, até que um momento eu vi minha noiva na sala do meu quarto, tinha acabado de sair do banho e estava se enxugando, daí eu pensei: ela pode ver a gente aqui e acabar tudo! Eu parei de beijá-la e falei: não sei o que eu estou fazendo aqui. Eu não falei nada para a minha noiva, ficou tudo como estava. Eu fiquei com um peso na consciência e pensei: não vou fazer isso mais não.

Interpretação: Pedro disse que na noite anterior ao sonho ele dormiu pensando em ter relações sexuais com sua noiva, mas foi impedido devido às circunstâncias, pois estavam no mesmo quarto sua mãe, sua avó e sua enteada, sendo os leitos separados apenas por um armário, e atribui esse sonho a isso.

No início do sonho, Pedro deixa seu quarto e vai para o corredor, lá encontra uma mulher com quem já havia tido relações sexuais, como no encontro com o Coronel no sonho passado, mais uma vez o seu lado instintivo o domina e ele vai ao encontro ao seu desejo. O hotel tem forma de “U” e seu quarto fica de frente para o quarto dessa mulher, mas o quarto da mulher fica um andar abaixo. Nesse ponto pode-se fazer uma interessante analogia. É como se seu instinto (lado “primitivo” representado aqui pelo adultério), e seu lado racional (senso de responsabilidade representado pela sua noiva), estivessem emparelhados, um de frente para o outro, mas seu inconsciente coloca o lado instintivo um andar abaixo, simbolizando, talvez, o valor que Pedro atribui a esses dois aspectos inconscientes. Ao ver sua noiva do outro lado da janela, seu lado racional fala mais alto e Pedro recua, seu complexo de “responsabilidade” o impede de agir impulsivamente segundo seus desejos.

Pedro diz que nunca traiu sua noiva nesse tempo que eles estão juntos e que isso não passa pela sua cabeça, diz que respeita e ama muito ela e que considera esse relacionamento o mais sério que ele já teve em sua vida. O sonho de Pedro retrata bem essa realidade e mostra também como Pedro constrói sua subjetividade guiado por seus complexos. Apesar de esse sonho mostrar através das imagens uma situação conflituosa de Pedro em relação a sua postura no seu relacionamento, em um sentido mais amplo, sugere também que Pedro é mais guiado pela razão do que pelo impulso, ou que seu lado racional é dominante sobre seu lado instintivo. Não sendo isso, contudo, uma conduta cristalizada, podendo sofrer alterações de acordo com sua história de vida daqui para frente, é importante frisar que a subjetividade humana se encontra em constante transformação e que é construída a cada dia de nossas vidas.

Pedro não fez nenhuma associação profunda dos seus sonhos em relação aos seus processos psíquicos, o que era esperado visto que ele não estava em processo terapêutico e o objetivo das conversas não visou o aprofundamento de questões particulares de Pedro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das bases do pensamento de Jung foi de extrema riqueza para o amadurecimento do tema abordado neste trabalho. A escolha dos assuntos foi feita de acordo com a construção de sua teoria da psicologia analítica. Os complexos, sendo o primeiro assunto abordado, representam a base para o entendimento dessa teoria, pois eles compõem os arquétipos, o inconsciente pessoal, e orientam a maneira como o sujeito se organiza psiquicamente dentro de sua subjetividade. No estudo de caso realizado neste trabalho, é possível ver como esses complexos são originados na vida do sujeito, sua tonalidade afetiva, sua relação com o social e com a história de vida pessoal do indivíduo.

Da mesma forma, podemos observar como o sujeito transita entre os inconscientes pessoal e coletivo, e como o universo onírico evidencia questões presentes em sua vida cotidiana, aspectos relacionados a sua história de vida, momentos de sua infância, atividades profissionais, relacionamentos. Nos sonhos de Pedro fica claro o contraste das experiências vividas em seu contexto atual, e da sua história pretérita de vida com os complexos e símbolos evidenciados em seus sonhos. É possível visualizar como a ansiedade de Pedro em relação ao seu casamento, por exemplo, é mostrada em seus sonhos através de vários símbolos, e como os fatos que acontecem em sua vida influenciam na forma que os sonhos são construídos e mostrados a Pedro, em uma conversa com o inconsciente. Dessa maneira somos capazes de fazer uma análise de como Pedro se organiza em sua dinâmica psíquica frente a esses fatos vivenciados por ele.

A história de cada um de nós acaba sendo parte de uma organização maior de eventos, dentro de um universo de possibilidades. Dizem que os mitos foram criados a partir de histórias reais, de personagens reais, que com o passar do tempo foram modificados,

aumentados de acordo com o imaginário das pessoas, esses protagonistas adquiriram poderes fenomenais, características divinas, realizaram tarefas sobre-humanas que deram origem aos heróis, aos demônios, aos deuses e semi-deuses, mitos que geraram outros mitos, culturas que se fundiram através dos tempos, com a ação dos desbravadores, das grandes navegações. Mitologias se misturaram através dos milênios, do ocidente ao oriente, dos nórdicos aos gregos, dos gregos aos romanos, e assim por diante. O resultado disso é o que vemos hoje uma imensidão de símbolos e arquétipos que estão presentes no imaginário do homem moderno, sem que de fato ele tenha consciência disso. O sujeito pode sonhar com a história de Narciso, pode vivenciar o inferno ou o paraíso de Dante Alighieri, pode visualizar hieróglifos egípcios do século III A.C. sem nunca ter ouvido falar desses assuntos antes. Essa é a riqueza do universo simbólico e do inconsciente coletivo.

Os sonhos nos contam metáforas da história da humanidade evidenciando aspectos vividos em nossa vida atual, são muito mais do que apenas desejos não satisfeitos, ou que apenas imagens aleatórias com o objetivo de nos distrair e aliviar o estresse durante as noites de sono. Os sonhos são uma fonte inesgotável de estudo que provam que existe em cada um de nós um universo infinito de possibilidades.

A análise dos sonhos realizada nesse estudo foi feita de acordo com as direções apontadas por C. G. Jung (1964), as interpretações foram sugeridas com base nas construções do sujeito em relação aos seus sonhos e a sua vida. Não se pode fazer uma análise profunda dos sonhos sem haver conhecimento maior da vida do indivíduo sujeito à análise. Como visto anteriormente, os sonhos podem ter várias interpretações, e o que foi discutido nesse estudo é apenas uma possível interpretação, um recorte dentro da subjetividade de um indivíduo. O sujeito não conseguiu ao longo dos encontros fazer construções profundas a respeito dos seus processos psíquicos, suas associações foram todas muito superficiais, normalmente relacionadas a acontecimentos corriqueiros de sua vida, o que era esperado tendo em vista que

o sujeito não está em processo de análise e o objetivo dos encontros não era entrar em questões muito particulares de sua vida.

Com base nessas observações finais, o estudo dos símbolos na análise de sonhos, se mostra uma ferramenta valiosa para a clínica dentro da profissão do psicólogo e permite ao profissional ter uma visão mais ampla do sujeito em análise, podendo com isso orientá-lo no seu processo de aprendizagem e autoconhecimento, pois através da análise dos sonhos o inconsciente é descoberto e as máscaras caem, se fazendo claros os conflitos e as angústias na vida do indivíduo. O inconsciente não esconde nada, cabe ao psicólogo a habilidade de interpretar esses símbolos, compreender as metáforas do inconsciente e junto com o sujeito em análise buscar um significado para essas seqüências de imagens simbólicas que irão dar sentido e orientação à sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bosnak, Robert (1994). *Breve curso sobre sonhos: Técnica junguiana para trabalhar com os sonhos*. São Paulo: Ed. Paulus.

Clarke , J. J. (1992). *Em busca de Jung, indagações históricas e filosóficas*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro.

Fadiman, James / Frager, Robert (1986). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Ed. HARBRA.

González Rey, Fernando Luis (2003). *Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning.

Henderson, Joseph L. (1964). *Os mitos antigos e o homem moderno*. Em: Jung, Carl Gustav (1964). *O homem e seus Símbolos*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira.

Johnson, Robert A. (1989). *Imaginação ativa: Como trabalhar com sonhos, símbolos e fantasias*. São Paulo: Ed. Mercuryo.

Jung, Carl Gustav (1935). *Fundamentos de psicologia analítica*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.

Jung, Carl Gustav (1961). *Memórias Sonhos Reflexões*. 24ª edição. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira.

Jung, Carl Gustav (1916). *O eu e o inconsciente*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.

Jung, Carl Gustav (1964). *O homem e seus Símbolos*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira.

Jung, Carl Gustav (1912). *Psicologia do inconsciente*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.

Jung, Carl Gustav (1906). *Psicogênese das doenças mentais*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.

Jung, Carl Gustav (1950). *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.

Malinowski (2007) em: Silveira, Nise da (2007). *Símbolos*. Disponível em: <http://www.riototal.com.br/coojournal/guardiao-jung013.htm>. Acesso em: 05 set. 2007.

Mc Lynn, Frank (1996). *Carl Gustav Jung: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Ed. Record.

Stein, Murray (1998). *Jung, o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix.

Silveira, Nise da (2007). *Mitos*. Disponível em: <http://www.riototal.com.br/coojournal/guardiao-jung009.htm>. Acesso em: 06 set. 2007.

Silveira, Nise da (2007). *Símbolos*. Disponível em: <http://www.riototal.com.br/coojournal/guardiao-jung013.htm>. Acesso em: 05 set. 2007.

Thouard, Denis (1965). *Kant: Figuras do saber*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade.